JUN.NOV.–2026 VOL.1 N.2



ENTRE RAÍZES & florescimentos

PSICANÁLISE, SAÚDE MENTAL E CONTEMPORANEIDADE

Revista
Saber
Psicanalítico





EDITORIAL

Com alegria apresentamos o volume 2 da nossa **Revista Saber Psicanalítico** e reafirmamos nosso compromisso de manter vivo e pujante a reflexão e a pesquisa no campo psicanalítico, bem como na interlocução da Psicanálise com outros campos científicos em resposta aos desafios do nosso tempo.

O tema que desta edição — ***Entre Raízes e Florescimentos: Psicanálise, Saúde Mental e Contemporaneidade*** — nasceu da perspectiva de uma prática que, ao mesmo tempo em que se sustenta em fundamentos sólidos, permanece aberta às novas demandas do laço social. As raízes remetem à tradição freudiana que nos sustenta, aos conceitos e descobertas que continuam oferecendo recursos valiosos para pensar o sujeito e o sofrimento humano. Os florescimentos, por sua vez, apontam para aquilo que emerge, para a tiquê, para as questões que insistem em nos interpelar e que exigem da Psicanálise um permanente trabalho de escuta, elaboração e reinvenção.

Vivemos uma época marcada por profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas. As formas de sofrimento psíquico se apresentam, muitas vezes, de maneira distinta daquelas que serviram de base às primeiras formulações psicanalíticas. A aceleração da vida cotidiana, a singularidade dos laços sociais, os imperativos de produtividade, a exposição constante nas redes digitais e as novas configurações dos

modos de existir colocam em cena questões que desafiam não apenas os sujeitos, mas também aquelas/es que se dedicam a escutá-las/os.

Diante desse cenário, a Psicanálise continua ocupando um lugar singular. Não porque ofereça respostas prontas para as inquietações contemporâneas, mas justamente porque preserva algo cada vez mais raro: a aposta na singularidade e o questionamento profundo. Em um mundo que frequentemente demanda adaptação, desempenho e rapidez, a experiência analítica sustenta a possibilidade da pausa, da palavra e da construção de sentidos próprios.

Os textos reunidos neste volume refletem diferentes modos de abordar essa tensão criativa entre herança e transformação. São trabalhos que dialogam com a clínica, com a pesquisa, com a saúde mental, com a literatura, a poesia e com os fenômenos sociais contemporâneos, demonstrando que a Psicanálise segue produzindo interlocuções fecundas e necessárias.

> Esperamos que esta edição possa contribuir para fortalecer o diálogo entre pesquisadoras/es, estudantes e profissionais, além de estimular novos encontros com o Saber Psicanalítico. Afinal, como toda árvore que permanece viva, também a Psicanálise segue crescendo porque mantém suas raízes firmes enquanto encontra novas formas de florescer.

Desejamos uma excelente leitura à todas/os/es.

Por
Edson Leandro de Almeida
Editor

REVISTA SABER PSICANALÍTICO
Publicação Semestral
Rua Visconde de Inhaúma, 1361, Sala 408, Maurício de Nassau, Caruaru/PE, CEP: 55.012-010
CNPJ: 44.966.907/0001-85
www.asppsicanalise.com.br
revistasaberpsicanalitico@gmail.com

Conselho Editorial
Andrea de Lima Ribeiro, Edson Leandro de Almeida, Gilvania Lima Magalhães, José Aniervson Souza dos Santos, Samuel Barbosa da Silva.

Editor-chefe
Edson Leandro de Almeida

Editor-adjunto
José Aniervson Souza dos Santos

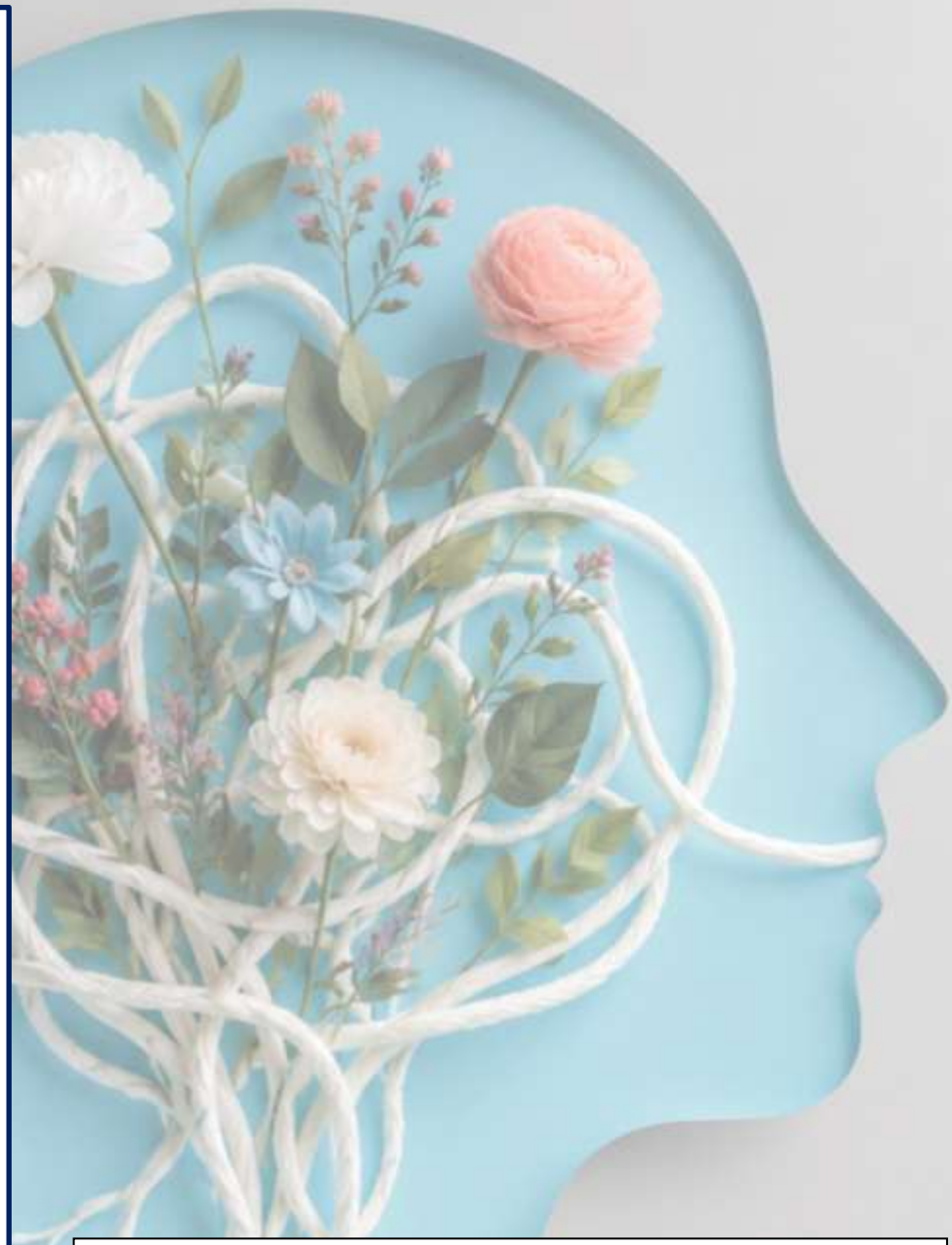
Projeto gráfico
José Aniervson Souza dos Santos

Diagramação
José Aniervson Souza dos Santos

Imagem da Capa
ChatGPT (https://chatgpt.com/)

Imagens
Pexels (www.pexels.com)

Um projeto da:
ASP ASSOCIAÇÃO SABER PSICANALÍTICO



Follow us on Instagram: /ASPpsicanalise

Licença Creative Commons
O trabalho **Revista Saber Piscanalítico** https://www.asppsicanalise.com.br/ foi licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição 3.0 Não Adaptada. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em https://www.asppsicanalise.com.br/

03 **Editorial**

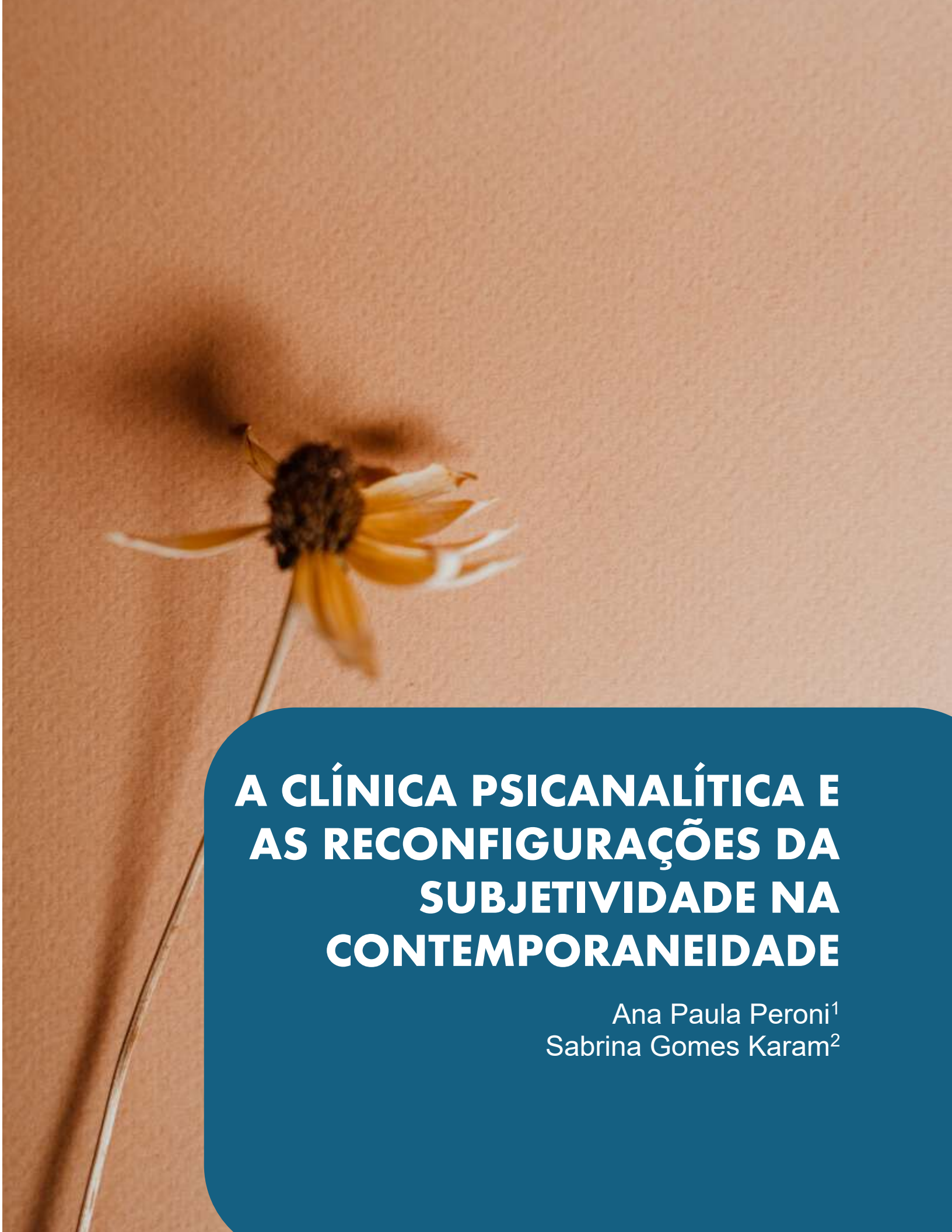
07 **A Clínica Psicanalítica e as Reconfigurações da Subjetividade na Contemporaneidade**

25 **A Indústria Cultural do Sofrimento: Desafios da psicanálise na era da validação**

34 **O Ato de Escrever em Clarice e sua Compreensão a partir da Obra Freudiana O Escritor e a Fantasia**

42 **Da Engrenagem Biológica a Falta Constitutiva: O amor como anteparo ao desamparo e enlace no outro**

58 **Pornografia Mainstream, Misoginia Digital e Violência de Gênero: Interfaces entre psicanálise, feminismo e cultura digital**



A CLÍNICA PSICANALÍTICA E AS RECONFIGURAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Peroni[1]
Sabrina Gomes Karam[2]

RESUMO

O artigo analisa os efeitos das transformações sociais e tecnológicas contemporâneas sobre a subjetividade e os desafios impostos à clínica psicanalítica. Em determinados contextos marcados pela virtualização da experiência e pela lógica performática, surgem novas formas de sofrimento psíquico, frequentemente associadas à intensificação de dinâmicas imaginárias, à fragilização de mediações simbólicas e à incidência de imperativos de gozo. O objetivo é compreender como essas manifestações se articulam às configurações atuais do laço social e às formas de subjetivação contemporâneas. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem teórico-qualitativa, fundamentada na psicanálise freudiana e lacaniana e em produções contemporâneas das ciências humanas que problematizam as relações entre sujeito, cultura e tecnologia. Os resultados indicam a emergência de sintomas associados ao esgotamento, à hiperexposição e a experiências de instabilidade identitária, sem que isso implique uma substituição homogênea das formas clássicas de sofrimento. Conclui-se que a clínica psicanalítica, nesse cenário, revela-se como espaço de resistência, ao sustentar o tempo da fala, a escuta da singularidade e a possibilidade de elaboração frente às exigências contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sofrimento psíquico; Subjetividade contemporânea

THE PSYCHOANALYTIC CLINIC AND CONTEMPORARY RECONFIGURATIONS OF SUBJECTIVITY

ABSTRACT

This article analyzes the effects of contemporary social and technological transformations on subjectivity and the challenges they pose to the psychoanalytic clinic. In certain contexts marked by the virtualization of experience and a performative logic, new forms of psychic suffering emerge, frequently associated with the intensification of imaginary dynamics, the weakening of symbolic mediations, and the incidence of imperatives of jouissance. The aim is to understand how these manifestations articulate with current configurations of the social bond and contemporary forms of subjectivation. This is a narrative literature review of a theoretical-qualitative nature, grounded in Freudian and Lacanian psychoanalysis and in contemporary productions from the human sciences that problematize the relationships between subject, culture, and technology. The results indicate the emergence of symptoms associated with exhaustion, hyperexposure, and experiences of identity instability, without implying a homogeneous replacement of classical forms of suffering. It is concluded that, in this scenario, the psychoanalytic clinic reveals itself as a space of resistance by sustaining the time of speech, the listening to singularity, and the possibility of elaboration in the face of contemporary demands.

Keywords: Contemporary subjectivity; Psychoanalysis; Psychic suffering.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é palco de transformações intensas nas esferas política, sociocultural, econômica, moral e científica. Essas mudanças, acumuladas ao longo de décadas, impulsionaram o desenvolvimento de novas tecnologias, que agora retroalimentam e aceleram esse processo. Tal dinâmica pode exercer uma influência significativa na construção da experiência subjetiva dos sujeitos, moldando suas percepções e interações com o mundo.

Nesse contexto, a sociedade contemporânea, atravessada pela tecnologia e pelos imperativos do sistema capitalista, tende a organizar amplos domínios da vida segundo a lógica da eficiência produtiva e da busca por resultados.

Entretanto, tal racionalidade encontra limites na própria estrutura do sujeito, marcada pela divisão e pelo inconsciente, o que impede sua totalização e introduz descontinuidades entre os ideais sociais e a experiência subjetiva. Autores como Lipovetsky (2005) destacam a intensificação da busca por gratificação imediata, enquanto Kallas (2016) propõe compreender o ambiente virtual como uma vitrine das transformações do modo de vida contemporâneo, marcada pela valorização da visibilidade e da conectividade constante.

Tais transformações da sociedade, impulsionadas pela tecnologia e pela lógica da eficiência capitalista, têm gerado novas formas de mal-estar no sujeito, as quais devem ser compreendidas, primordialmente, na relação do sujeito com o contexto sócio-histórico em que se encontra.

Conforme aponta Lacan (1953/1998), não se deve fazer uso da psicanálise caso não seja possível “alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época". Nessa direção, Sadala e Santos (2022) ressaltam que a configuração da sociedade atual tem despertado interesse, dada a incidência de modos de subjetivação que representam um verdadeiro desafio para aqueles que se dedicam à escuta do sofrimento psíquico.

No mesmo sentido, Birman (2005) aponta para a chamada crise do sujeito, apresentando algumas dimensões para compreender o mal-estar contemporâneo, as novas formas de subjetivação e a clínica psicanalítica na atualidade: o não lugar do corpo, a expulsão do afeto, "o sujeito fora de si", a pobreza simbólica, o desamparo no mundo desencantado e a medicalização do social.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como determinadas configurações contemporâneas, especialmente aquelas associadas às tecnologias digitais e às lógicas de *performance*, que incidem sobre a subjetividade e se expressam na clínica psicanalítica. Busca-se, assim, compreender de que modo tais transformações se articulam a formas atuais de sofrimento psíquico, sem pressupor homogeneidade em seus efeitos, mas considerando as condições singulares de cada sujeito em sua relação com o laço social.

Do ponto de vista metodológico, este artigo configura-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem teórico-qualitativa. As fontes organizam-se em dois eixos: obras canônicas da psicanálise freudiana e lacaniana, e produções contemporâneas das ciências humanas que problematizam as transformações da subjetividade frente à tecnologia digital e à lógica do desempenho. As conclusões advindas não têm caráter generalizante, mas visam oferecer uma leitura teoricamente sustentada sobre configurações subjetivas que, em determinados contextos, se expressam na clínica psicanalítica.

2 A SUBJETIVIDADE NA ERA DIGITAL

2.1 O conceito de sujeito na psicanálise

No campo psicanalítico, marcado por diferentes formulações acerca do sujeito, a obra freudiana inaugura uma concepção na qual este é pensado como dividido, atravessado pelo inconsciente e constituído a partir de conflitos entre instâncias — id, ego e superego —, além de conteúdos recalcados que retornam sob a forma de sintomas, atos falhos e sonhos.

Lacan (1957/1998) aprofunda o conceito de sujeito ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Desta forma, o sujeito não precede a linguagem, mas é por ela constituído, sendo representado por um significante para outro significante. Trata-se, assim, de um sujeito do desejo sempre marcado pela falta.

No campo lacaniano, a subjetividade se articula a três registros: o simbólico, o imaginário e o real (LACAN, 1953/1998). O simbólico corresponde ao campo da linguagem, da lei e das normas sociais; o imaginário, ao campo das imagens, das

identificações especulares; e o real é o que escapa à simbolização, o que retorna como furo, impossível de ser plenamente nomeado. São esses três registros que estruturam o psiquismo e suas manifestações sintomáticas.

Cabe, contudo, explicitar uma tensão que atravessa qualquer articulação entre psicanálise e cultura: se a estrutura do sujeito (constituída pela falta, pelo inconsciente e pela linguagem) é invariante no campo lacaniano, em que sentido as transformações históricas e tecnológicas a afetam, e não apenas modulam suas expressões sintomáticas? A posição sustentada neste artigo é que estrutura e cultura operam em registros distintos, mas não independentes.

A estrutura delimita o campo do possível para o sujeito; as condições histórico-culturais determinam os materiais simbólicos e imaginários com os quais esse campo se preenche e, em certos casos, pressionam os recursos disponíveis para lidar com a falta. É nesse nível — o do discurso e dos imperativos de gozo que ele produz — que as transformações contemporâneas incidem. O que a era digital altera não é a estrutura do inconsciente nem a divisão constitutiva do sujeito, mas o regime de gozo disponível e os objetos pelos quais o desejo se articula ou se esquiva.

Lacan (1969-1970/2008), ao formular o discurso capitalista como variante do discurso do mestre, já antecipava que certas configurações sociais podem produzir uma circulação de objetos de gozo que contorna a falta, não a eliminando estruturalmente, mas dificultando seu reconhecimento e elaboração.

Na contemporaneidade, especialmente em contextos mediados por tecnologias digitais, esses registros podem apresentar reconfigurações, nas quais o imaginário tende a ganhar maior destaque em um mundo saturado de imagens, *selfies*, *avatares* e perfis nas redes sociais. A exposição do eu idealizado intensifica-se, alimentando identificações narcísicas e relações pautadas pelo olhar do outro virtual, tal como descrito por Kallas (2016), ao afirmar que o mundo digital opera como uma vitrine onde o sujeito se vê movido a manter-se visível e desejável o tempo todo.

Em determinadas configurações, essa predominância do imaginário pode contribuir para o enfraquecimento da mediação simbólica, efeito que tende a ser mais acentuado em sujeitos cuja estruturação do laço com o Outro já se encontra fragilizada. Não se trata, portanto, de um efeito universal da tecnologia sobre o psiquismo, mas de uma

incidência que se diferencia conforme a posição subjetiva de cada sujeito e a consistência de seus recursos simbólicos.

O simbólico, enquanto campo da mediação e da alteridade pode ceder lugar a um imperativo de gozo que, ao invés de permitir a inscrição da falta, exige sua negação constante por meio de objetos de consumo e autoafirmação virtual.

Nessa lógica, o real pode retornar, e sintomas como o vazio existencial, a angústia sem nome, os estados depressivos e a hiperatividade subjetiva revelam a impossibilidade de simbolização plena da experiência (BIRMAN, 2005). O sujeito contemporâneo pode revelar-se desamparado diante da multiplicidade de discursos que frequentemente o convocam a ser tudo, o tempo todo.

Portanto, compreender o sujeito na era digital exige considerar não apenas sua constituição estruturada pelo inconsciente, mas também os atravessamentos históricos, tecnológicos e sociais que modulam sua experiência de si e do outro.

2.2 As novas formas de identificação e laço social

Na teoria freudiana, o sujeito é concebido como constituído em relação ao outro, não havendo sujeito isolado; o laço social constitui, assim, dimensão fundamental da constituição subjetiva. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921/2011), Freud argumenta que o sujeito se forma na relação com o outro, por meio de processos de identificação, nos quais o Eu se estrutura a partir das imagens e ideais oferecidos pelo coletivo. Inicialmente há a identificação primária com figuras parentais, seguida por identificações secundárias com os ideais sociais, inscrevendo o sujeito em um campo simbólico partilhado, marcado pela cultura e pelas normas da civilização.

Na releitura lacaniana, o laço social é concebido como estruturalmente vinculado à linguagem. O sujeito é um efeito do discurso e a posição subjetiva é determinada pela relação com o significante e com o campo do Outro (LACAN, 1969-1970/2008).

Lacan sistematiza o laço social a partir do que ele chama de os quatro discursos — do mestre, do histérico, do universitário e do capitalista — um modelo conceitual para compreender as formas pelas quais os sujeitos se organizam em relação ao saber, ao gozo e ao desejo no laço social.

Em todos os quatro discursos, o desejo está presente como operador. O sujeito está sempre em relação ao desejo do Outro (obedecendo, resistindo, questionando ou analisando). O laço social, portanto, é sempre uma relação com o desejo e sempre atravessada pela falta.

No contexto contemporâneo, determinadas tecnologias digitais, especialmente aquelas organizadas em torno da visibilidade, da *performance* e da lógica algorítmica de engajamento, como as redes sociais, tendem a intensificar formas de identificação imaginária baseadas na imagem e no reconhecimento pelo outro.

Essa fragilização dos vínculos encontra ressonância na análise de Bauman (2004) sobre a modernidade líquida, na qual as relações tendem a se tornar provisórias, reversíveis e orientadas pela lógica do consumo, condição que no plano subjetivo pode dificultar a constituição de laços simbólicos mais duradouros e a sustentação do desejo.

O imediatismo dessas interações não implica, por si só, um empobrecimento dos vínculos. No entanto, quando associado a modos de uso marcados pela busca constante de reconhecimento e pela evitação da falta, pode favorecer relações mais instáveis ou utilitárias. Nesse cenário, a multiplicidade de interações não se traduz necessariamente em profundidade relacional, mas pode indicar dificuldades na sustentação do investimento objetal.

De modo semelhante, a construção de diferentes perfis e formas de apresentação de si no ambiente digital pode tanto ampliar possibilidades expressivas quanto, em alguns sujeitos, associar-se a experiências de fragmentação e instabilidade identitária. Tais efeitos, contudo, não são universais, devendo ser compreendidos a partir da posição subjetiva de cada indivíduo e das condições específicas de seu laço com o Outro.

2.3 O corpo na era digital

A tecnologia e a virtualidade nas relações humanas têm provocado transformações na maneira como o sujeito se relaciona com a realidade e com seu próprio corpo. A experiência corporal mediada pela presença física, pela linguagem e pela interação sensorial com o mundo, passa a coexistir com formas de presença digital, nas quais a imagem do corpo ganha centralidade em detrimento da vivência do corpo enquanto lugar de afeto e desejo.

Para a psicanálise, o corpo, além da sua dimensão biológica, também é compreendido como um corpo simbólico, atravessado pela linguagem e constituído pela inscrição do desejo. Para Lacan (1953/1998), o corpo é um “corpo falado”, estruturado pelas marcas do significante, e sua imagem é organizada a partir do estádio do espelho, momento em que o sujeito se reconhece em uma totalidade ilusória, constituindo o Eu por meio da identificação com a imagem de si. É nesse campo imaginário que o corpo se torna idealizado, capturado por formas de representação que nem sempre correspondem à experiência subjetiva.

Na era digital, essa dimensão imaginária do corpo, pode ser potencializada pelas tecnologias que promovem a exposição constante de imagens editadas, e performadas nas redes sociais. A imagem corporal pode passar a ser moldada por padrões estéticos que privilegiam determinados formatos de beleza e sucesso. A identidade corporal, antes construída em relação ao olhar do Outro presente, agora se organiza em função do olhar do Outro virtual, fragmentado, múltiplo e onipresente.

Em determinadas configurações, esse corpo pode ser predominantemente investido como imagem e *performance*, tornando-se objeto de comparação constante, o que pode contribuir para a intensificação de sentimentos de inadequação, baixa autoestima e desconexão com a vivência corporal real.

Birman (2005) aponta que, na contemporaneidade, o corpo torna-se um lugar privilegiado de inscrição do mal-estar, porque ele aparece como aquilo que resta quando os significantes falham. O excesso de imagens, a medicalização dos estados psíquicos e a estetização da existência podem favorecer o retorno do real sob a forma de sintomas: desconforto, angústia ou como tentativa de domínio total da aparência.

A hiperconectividade e o uso prolongado de dispositivos digitais também impactam a relação sensorial com o corpo e com o ambiente. Pode-se observar, em alguns casos, uma desconexão com o corpo, manifestada em formas de alienação subjetiva como cansaço crônico e distúrbios alimentares.

Nesse contexto, o espaço analítico pode favorecer a reinscrição simbólica do corpo, recolocando-o como lugar de fala e de desejo, e não apenas como objeto de exposição e avaliação.

3 O MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 As novas formas de sofrimento psíquico

Na contemporaneidade, é possível observar a emergência de formas de sofrimento psíquico que parecem se articular a transformações nas exigências sociais e tecnológicas. Trata-se de manifestações que, em determinados casos, revelam o colapso das instâncias simbólicas que sustentavam a subjetividade.

Byung-Chul Han (2017) descreve a atual configuração como “sociedade do desempenho”, na qual o sujeito se vê pressionado a explorar-se continuamente, orientado por ideais de produtividade, visibilidade e excelência. Essa dinâmica de constante autoaperfeiçoamento, intensificada pelas mídias digitais, pode expor o sujeito de maneira intensificada e, em alguns casos, dificultar movimentos de recolhimento e elaboração subjetiva.

As novas formas de sofrimento psíquico também se relacionam com um modo específico de regulação do desejo e da pulsão na contemporaneidade. Sem substituir o mecanismo do recalque, que permanece operante nas neuroses contemporâneas, o que se observa é uma cultura de excesso, na qual tudo pode e deve ser acessado de forma imediata, sem tempo para elaboração.

Clinicamente, essa configuração tende a se expressar de forma distinta conforme a estrutura do sujeito. Nas neuroses, o excesso pulsional pode intensificar a culpa ou o fracasso; nas chamadas patologias do vazio, ele pode se manifestar como compulsão, *acting out* ou somatização. A escuta analítica, nesse sentido, opera na singularidade da relação do sujeito com a falta e com o Outro, e não como uma resposta técnica padronizada ao sofrimento contemporâneo.

Em certos discursos contemporâneos, especialmente aqueles articulados à lógica capitalista, o sujeito é frequentemente convocado a ocupar uma posição de gozo contínuo. O sujeito é convocado a gozar, a desejar sem intervalo, a consumir afetos, imagens e experiências sem limites. Isso pode favorecer o surgimento de compulsões (por compras, consumo de conteúdo, alimentação, entre outros) como tentativas de lidar com a angústia e preencher um vazio que remete à falta estrutural do desejo.

3.2 A cultura do narcisismo e do individualismo

Na contemporaneidade, pode-se observar, em determinados contextos, o predomínio da imagem, a aceleração e intensificação dos acontecimentos, o excesso e a simultaneidade de informações, bem como de processos de fragmentação, situação na qual a solidez dos projetos, dos relacionamentos e da própria experiência do mundo pode, em alguns casos, apresentar fissuras narcísicas.

Em "A Cultura do Narcisismo" (2023), Christopher Lasch argumenta que o narcisismo, antes visto como uma patologia individual tornou-se uma característica cultural e social predominante na sociedade contemporânea, especialmente na segunda metade do século XX. No mesmo sentido, Birman (2012, p.147) observa que: "numa cultura narcísica como a nossa, permeada pela moral do individualismo como valor levada ao seu exagero, cada qual trata apenas da sua vida e considera o outro como o inimigo e o rival, seja isso real, seja potencial."

Verifica-se que o narcisismo, em sua versão contemporânea de autocentramento, pode ser pensado em estreita relação com o desamparo traumático, enquanto experiência desagregadora do psiquismo. Tal perspectiva conduz à reflexão sobre a especificidade dos laços construídos na atualidade, na medida em que esses, em certos contextos, não parecem oferecer a confiabilidade necessária para se apresentarem como fonte de segurança diante da própria capacidade de se lançar no encontro com o outro, assumindo os riscos que essa relação implica.

Freud (1914/2010) salienta que o narcisismo primário faz parte do processo natural do desenvolvimento do psiquismo. Ele o descreve como uma nova ação psíquica a partir da qual o eu se desenvolve, ou seja, é por meio desse investimento libidinal, advindo dos objetos primários no eu do sujeito, que se dará a constituição do eu, a formação dos ideais e, sua função de autoconservação e defesa.

Porém, se o objeto primário não for suficientemente bom, o indivíduo pode se afastar dos objetos externos, resultando em um fechamento em seu mundo interno, onde a energia psíquica é direcionada exclusivamente para o próprio eu. Nesses casos, configura-se formas de subjetivação em que a exaltação narcísica do eu opera como defesa frente a fissuras narcísicas e ao desamparo psíquico, evidenciando dificuldades na regulação do valor de si.

Para Birman (2005), o mal-estar da contemporaneidade está em primeiro lugar na incapacidade do sujeito de viver o tempo e a mudança que vem com ele. Quando ele sonha e se recorda do sonho, ele vive uma narrativa, mas hoje, ao invés do sonho, predomina o pesadelo e o pânico, que é traumático, e paralisa o sujeito em um espaço sem tempo.

Diante de experiências traumáticas não simbolizadas, o sujeito pode permanecer fixado a um estado de desamparo, com falhas na inscrição temporal e na possibilidade de elaboração compartilhada. Nessas condições, os excessos pulsionais tendem a não encontrar vias de representação, incidindo sobre o corpo como forma de inscrição do mal- estar.

André Green (1988) descreve um funcionamento narcísico de caráter desobjetalizante, marcado pelo desinvestimento objetal característico da dinâmica da pulsão de morte, levando ao desenvolvimento de um Eu frágil em sua estruturação, com dificuldade de simbolização e marcado pelo sentimento de perda de identidade, de desagregação e, principalmente, de vazio.

Portanto, pode-se supor que a intensificação da apresentação de si nas redes sociais se articule a uma busca de reconhecimento no campo do outro, operando como recurso de regulação narcísica frente a falhas na coesão do eu e a dificuldades na sustentação do valor de si.

Essa convocação ao olhar do outro pode estar articulada ao desejo de se constituir como objeto de desejo, na tentativa de tamponar falhas narcísicas. Christopher Lasch (1986) destaca, nesse sentido, o vazio que paira sobre a ambivalência entre individualismo e narcisismo, apontando para formas de subjetivação marcadas por instabilidade e sentimento de insuficiência. Nesse contexto, o narcisismo pode ser compreendido menos como autoafirmação e mais como uma organização narcísica marcada por falhas na coesão egoica, em que o eu se vê atravessado por experiências de vazio e por ameaças de desintegração. Nessas condições, a vida cotidiana tende a se organizar em torno de arranjos defensivos destinados à sustentação de uma mínima consistência psíquica. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez. (Lasch, 1986, p.47).

Outro aspecto refere-se à articulação entre narcisismo e os ideais contemporâneos de desempenho, que incidem sobre a organização narcísica ao reforçarem exigências ligadas ao ideal do eu. Nessas condições, o laço com o outro pode se constituir sob tensão, marcado por movimentos ambivalentes entre busca de reconhecimento e retraimento do investimento objetal.

Se, por um lado, os outros são necessários para a confirmação da imagem que cada um possui de si, por outro, eles se apresentam como ameaça indesejável por revelarem não apenas o quanto esse sujeito está distante do ideal, mas também sua vulnerabilidade ao sustentar a própria identidade em uma imagem.

Joel Birman (2005) observa que as subjetividades de hoje são em grande medida, narcísicas, isto é, subjetividades autocentradas, porém exteriorizadas, uma vez que buscam a si mesmos no olhar admirado que o outro possa ter diante da sua imagem e desempenho.

Considerando a cultura do individualismo na qual estamos inseridos, deparamo-nos com manifestações de dor psíquica motivadas mais pela exigência de prazer do que pela restrição a ele. O sujeito contemporâneo se vê aprisionado na promessa enganosa de obtenção de liberdade de prazer irrestrito, sem se dar conta da sua submissão às imposições sociais, que mais apontam para um controle disciplinar do que para possibilidade do livre exercício de seu desejo.

A partir disso, pode-se observar uma nova forma de mal-estar na civilização, em contraste com aquela descrita por Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), onde predominava uma cultura repressiva que cerceava o indivíduo, impedindo a satisfação das pulsões agressivas e sexuais.

Na contemporaneidade, vivemos em uma sociedade que cultua a liberdade individual, com valor hegemônico, estimulando a busca constante por prazer, o que paradoxalmente, resulta em uma experiência de insuficiência e fracasso (EHRENBERG, 1998 apud GARCIA; COUTINHO, 2004). Em termos psíquicos, tal situação apresenta-se na forma de um excesso pulsional vivido como angústia.

Enquanto Freud enfatizava os efeitos da repressão das pulsões, hoje é essencial considerar os impactos psíquicos da exigência por prazer ilimitado, acentuada pela fragilidade das referências simbólicas. Nesse sentido, se o poder absoluto é uma

realidade, a frustração torna-se um efeito inevitável, pois o sujeito estará sempre em busca de maior êxito, e a impossibilidade dessa realização logo se mostrará evidente.

Para Han (2017), uma das características da sociedade contemporânea é que o sujeito de desempenho não precisa mais ser disciplinado e está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. “É senhor e soberano de si mesmo”. (Han, 2017, p.21).

No entanto, o desejo pela *performance* se entrega à liberdade compulsiva, levando a um processo de auto exploração, em que as doenças psíquicas da sociedade contemporânea são apenas manifestações dessa liberdade paradoxal, um resultado da inabilidade do sujeito de ser deixado para si mesmo.

Conforme Han (2017), as doenças psíquicas da sociedade contemporânea teriam origem no exagero da positividade, constituindo-se como uma violência que não vem apenas de fora, mas do próprio sujeito. Esta violência se revela em ações como a superprodução, a hiperatividade, o super desempenho e a super comunicação, que foi facilitada por meio das plataformas digitais.

Dessa forma, a sociedade da *performance* constitui-se em uma sociedade que não possui espaço para o descanso e o tédio, mesmo que para vencê-los seja necessário recorrer ao doping ou medicamentos que visam superar o esgotamento.

De acordo com Oliveira (2018), na sociedade do desempenho, sentimentos ou emoções de ordem negativa são rejeitados, visando a maximização da *performance*, já que esses sentimentos passam a serem vistos como improdutivos.

Dessa forma, a cultura do narcisismo e do individualismo tem exercido grande influência nas configurações subjetivas contemporâneas. Nesse cenário, torna-se imprescindível um olhar cuidadoso para esse campo, pois, a partir do tensionamento promovido pela reflexão, podem emergir, de seu próprio núcleo, saídas criativas — não frutos da ilusão narcísica da onipotência, mas possibilidades genuínas de ações renovadoras para enfrentar a realidade apresentada.

3.3 O papel da psicanálise na escuta do sofrimento

A escuta do sofrimento psíquico na contemporaneidade coloca desafios que demandam a ampliação de abordagens, capazes de lidar com a complexidade e a

velocidade das transformações. A psicanálise, com sua ênfase na singularidade do sujeito e na elaboração simbólica, pode oferecer um espaço relevante para a construção de narrativas que ressignificam a experiência do mal-estar.

Barreto (2017, p. 80) destaca a importância de pensar um futuro aberto para a psicanálise:

> É na perspectiva de futuro não preconcebido que floresce a esperança de a psicanálise e a clínica psicanalítica se apresentarem como potencialidades de existência do ‘sujeito desejante’, não coisificado pelos processos massivos de colonização, assujeitamento e exploração humana no amanhã, visto que compreendemos a psicanálise como uma instituição da contracultura, pois não segue a lógica do contexto.

A visão do autor convida a repensar o papel da psicanálise na contemporaneidade, não como mera adaptação às tendências dominantes, mas como um espaço de resistência e transformação, criando possibilidades para o "sujeito desejante". Essa perspectiva suscita o questionamento: de que modo a psicanálise, enquanto contracultura, pode se posicionar diante das forças homogeneizadoras da sociedade atual?

A resposta a esse questionamento não é unívoca, e pode ser pensada na própria natureza da psicanálise, que se constitui como uma prática que pode operar como contraponto a discursos que tendem a normatizar o sujeito de acordo com padrões preestabelecidos. Ao se configurar como uma instituição da contracultura, a psicanálise se propõe a desafiar os discursos homogeneizadores.

Barreto (2017, p.80) ressalta ainda que “os psicanalistas produzem efeitos de mudança no ‘contexto’ e nas subjetividades”, ou seja, os psicanalistas, ao intervirem nas relações e nos discursos, contribuem para a mudança do contexto social em que os indivíduos estão inseridos, uma vez que ao promoverem a elaboração simbólica e a construção de novas narrativas, há possibilidades de transformação da subjetividade, permitindo que o sujeito se torne mais consciente de si mesmo e de suas relações com o mundo.

Nesse sentido, o futuro da psicanálise pode ser pensado em articulação com os modos contemporâneos de laço social, com as possibilidades de relações sociais mais autênticas e com a construção de um pacto civilizatório que priorize a escuta e o cuidado com o sofrimento psíquico.

A era digital, com suas demandas e estímulos constantes, tem produzido impactos relevantes na subjetividade, podendo, em alguns contextos, intensificar experiências de mal-estar, sensação de inadequação e fragmentação identitária. Nesse cenário, o papel da clínica psicanalítica com a mediação simbólica se torna ainda mais relevante, uma vez que a linguagem e a comunicação vêm assumindo novas configurações.

A mediação simbólica permite ao sujeito dar sentido ao seu sofrimento e construir uma narrativa coerente sobre sua própria história, ressignificando suas experiências e fortalecendo seu senso de identidade, oferecendo assim, um contraponto à fragmentação e à desorientação características da era digital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações contemporâneas da subjetividade, atravessadas pela influência das tecnologias digitais e pela cultura do desempenho e do narcisismo, revelam novas configurações do mal-estar psíquico. A fragmentação identitária e o predomínio do registro imaginário podem, em determinados contextos, evidenciar não uma alteração da ordem simbólica enquanto tal, mas uma dificuldade do sujeito em acessar seus recursos simbólicos diante de condições culturais que tendem a saturar o campo com imagens e imperativos de gozo imediato.

Nesse contexto, a clínica psicanalítica reafirma sua relevância como espaço singular de escuta e de mediação simbólica, ao proporcionar o tempo e o ambiente necessários para a elaboração do sofrimento e a reconstrução da narrativa subjetiva. Essa relevância se atualiza a cada vez na clínica singular, no manejo da transferência, na escuta do que retorna como sintoma, no tempo oferecido à palavra em uma cultura que progressivamente o suprime.

A tensão entre estrutura e cultura, revela-se produtiva para a clínica, convocando o analista a um cuidado: não reduzir questões sociais a problemas individuais — como se, por exemplo, a era digital fosse, por si só, causadora de sofrimento — nem ignorar o contexto histórico do sujeito, como se aquilo que ele vive não tivesse relação com o tempo em que está inserido. O que a psicanálise oferece, nesse sentido, é precisamente uma escuta que mantém abertas essas duas dimensões: a singularidade estrutural de cada sujeito e a inscrição histórica de seu sofrimento no laço social que o constitui.

A psicanálise, ao se posicionar como prática que tensiona discursos homogeneizadores revela-se fundamental para desafiar as forças uniformizadoras que influenciam a subjetividade, abrindo espaço para a resistência e a reconstrução do sujeito desejante.

A articulação entre a escuta psicanalítica e a análise crítica das transformações sociais e tecnológicas contribui para a ampliação das possibilidades de compreensão das formas contemporâneas de sofrimento psíquico. Nesse sentido, garantir espaços analíticos que favoreçam a mediação simbólica é essencial para acolher a singularidade do sujeito e permitir processos criativos de transformação subjetiva, fundamentais para a construção de relações sociais mais genuínas e duradouras.

[1] Psicanalista Clínica. Santos Dumont - MG, Brasil. Email: anapaulaperoni@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6262-8598

[2] Email: sabrinakaram@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0004-8443-7855

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo Azevedo. Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte - MG, n. 48, p. 79–88, dez. 2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psychê**, São Paulo, v. 8, n. 13, jun. 2004.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte.** São Paulo: Escuta, 1988.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 38, n. 71, p. 55–64, jun. 2016.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo:** A vida americana em uma era das expectativas decrescentes. Estados Unidos: Fósforo, 2023.
LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

OLIVEIRA, G. Resenha: HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p. **Horiz. antropol**., v.24, n. 52, set.-dez. 2018.

SADALA, G.; SANTOS, K. B. dos. A psicanálise como possibilidade de escuta do mal-estar na contemporaneidade. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 264-279, 2022.

A INDÚSTRIA CULTURAL DO SOFRIMENTO: DESAFIOS DA PSICANÁLISE NA ERA DA VALIDAÇÃO

Lidiane Pessoa Cândido[1]



RESUMO

Este ensaio discute, à luz do Seminário 7 de Lacan, a ética do desejo em tempos de hiperexposição e busca incessante por validação. Analisa-se como a cultura contemporânea transformou o sofrimento em mercadoria, exigindo reconhecimento imediato, desconsiderando o silêncio diante da demanda. Questiona-se a sobrevivência da psicanálise clássica frente a esse cenário, considerando que sua prática não se orienta pela domesticação da dor nem pela resposta padronizada ao sintoma, mas pela escuta que acolhe o sujeito sem reduzir sua experiência ao enquadramento terapêutico. A reflexão aponta para a necessidade de sustentar a falta, o não-saber e a impossibilidade como fundamentos do desejo, contrapondo-se à lógica social que massifica e rotula o sofrimento. A psicanálise, ao invés de oferecer garantias, propõe implicação e responsabilização, preservando o vazio como condição constitutiva da subjetividade.

Palavras-chave: desejo; sofrimento; psicanálise; validação; subjetividade.

THE ETHICS OF DESIRE AND THE CULTURAL INDUSTRY OF SUFFERING: PSYCHOANALYTIC CHALLENGES IN THE ERA OF VALIDATION

ABSTRACT

This article discusses, in light of Lacan's Seminar VII, the ethics of desire in times of hyperexposure and the relentless search for validation. It analyzes how contemporary culture has transformed suffering into a commodity, demanding immediate recognition and showing intolerance toward silence in the face of demand. It questions the survival of classical psychoanalysis in this scenario, considering that its practice is not guided by the domestication of pain nor by standardized responses to symptoms, but by listening that welcomes the subject without reducing their experience to therapeutic frameworks. The reflection points to the need to sustain lack, not-knowing, and impossibility as foundations of desire, opposing the social logic that massifies and labels suffering. Psychoanalysis, instead of offering guarantees, proposes implication and responsibility, preserving emptiness as a constitutive condition of subjectivity.

Keywords: desire; suffering; psychoanalysis; validation; subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, marcada pela viralização e massificação da dor, emerge uma indústria cultural que transforma o sofrimento em capital simbólico e exige validação constante. Nesse contexto, a clínica se vê atravessada por demandas de reconhecimento imediato, muitas vezes acompanhadas de intolerância diante da ausência de resposta. Surge, então, a questão: qual a possibilidade de sobrevivência da psicanálise clássica frente a essa lógica?

A psicanálise ética, diferentemente de algumas outras práticas terapêuticas que buscam normatizar ou traduzir o sintoma em fórmulas prontas, acolhe o sujeito sem se confundir com sua demanda. Ela não protege, não oferece garantias e não reduz a experiência do vazio, mas sustenta a falta como condição do desejo. Freud e Lacan nos lembram que é justamente na impossibilidade, no não-saber e na insuficiência que se encontra a potência do sujeito. Enquanto algumas psicoterapias perguntam “Então, você quer dizer isso?”, a psicanálise ética indaga “Por que você está dizendo isso?”, abrindo espaço para novas construções a partir das repetições constitutivas do inconsciente.

2 DESENVOLVIMENTO

O sofrimento psíquico tornou-se objeto privilegiado da indústria cultural, capturado pela lógica da diversão e convertido em mercadoria palatável. A dor é estetizada por influenciadores como marca de autenticidade, transformada em conteúdo de consumo e repetida em narrativas de autoajuda. Essa compulsão coletiva revela uma sociedade alienada de si mesma. A função analítica, nesse cenário, é preservar a experiência da falta que o reconhecimento tenta tamponar.

A interrogação ética formulada por Lacan no Seminário 7: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (LACAN, 1997, p. 118), adquire urgência em um tempo em que a dor deixou de ser indizível e passou a ser exibida em redes sociais, campanhas e narrativas de superação. A operação analítica de fazer emergir o sujeito do inconsciente, para que “se diga por trás do que se diz”, torna-se um ato de resistência.

Na clínica contemporânea, observa-se a tendência de transformar o analista em gestor de bem-estar, cuja função seria validar experiências em vez de sustentar a divisão subjetiva. A plenitude é prometida via consumo, produtividade e autocompaixão, invertendo a estrutura ética da psicanálise. Essa exploração é perversa porque utiliza a linguagem da singularidade e da autenticidade para produzir conformismo: o sujeito acredita expressar sua verdade íntima quando, na realidade, repete formatos socialmente aprovados de sofrimento.

As palavras do analista não confirmam o que o sujeito já sabe sobre si, mas introduzem algo novo, que questiona suas certezas convictas e absolutas. O analista ético rompe com a demanda atual de reconhecimento, recusando o conforto que o mercado terapêutico promete. Em vez de promover unidade identitária, sustenta a divisão, introduzindo cortes e estranhamentos no lugar da validação infinita.

o DSM pode ser visto como parte não determinante, mas pode ser utilizado como um instrumento que abordado de maneira reducionista, massifica e normatiza a dor, em desencontro a prática psicanalítica, que resiste a enquadramentos classificatórios inflexíveis e insiste em escutar o sujeito para além das categorias, preservando sua singularidade e implicação ética.

O documento **“Re-escute os Transtornos”,** do professor Saulo Durso traz uma análise crítica sobre a evolução das classificações psiquiátricas, especialmente o DSM, e sua relação com a psicanálise. Ele diferencia três níveis de compreensão clínica: os **transtornos**, definidos por critérios objetivos e mensuráveis; a **personalidade**, entendida como conjunto estável de traços; e a **estrutura clínica**, que na psicanálise se refere à posição inconsciente do sujeito frente ao desejo e à castração. Enquanto o DSM organiza sintomas em categorias descritivas, a psicanálise escuta o sintoma como mensagem subjetiva e metáfora do inconsciente.

O texto mostra que o DSM nasceu em 1952 com forte influência psicodinâmica, mas sofreu uma ruptura decisiva em 1980 com o DSM-III, coordenado por Robert Spitzer. Nesse momento, abandonou-se a linguagem psicanalítica em favor de critérios descritivos e ateóricos, impulsionados por pressões da psiquiatria biológica, da indústria farmacêutica e dos sistemas de saúde. Essa virada afastou definitivamente a psicanálise

do campo oficial da psiquiatria, substituindo o sujeito dividido por uma máquina classificatória. Elisabeth Roudinesco sintetiza essa mudança ao afirmar que “o sujeito é substituído por um organismo falho que deve ser consertado” (ROUDINESCO, 1998, p. 45).

Diversos psicanalistas criticam o DSM: Pierre-Henri Castel o vê como dispositivo biopolítico que cria doenças e consumidores (CASTEL, 2007); Joel Birman aponta a fragmentação do sujeito em descrições empíricas sem alma (BIRMAN, 2001); Charles Melman denuncia sua aliança com o discurso capitalista; Christopher Bollas observa que patologiza estados normais da mente (BOLLAS, 1992); Jacques-Alain Miller o chama de “polícia dos comportamentos”; e Lacan já antecipava que o essencial não é classificar sintomas, mas escutar a posição do sujeito. Freud também lembrava que os sintomas têm sentido e devem ser escutados como formações do inconsciente.

O documento exemplifica essas diferenças com casos clínicos. A **depressão**, no DSM, é tratada como disfunção neuroquímica, enquanto na psicanálise é lida como posição frente ao desejo e à falta. O **borderline**, no DSM, aparece como transtorno de personalidade, mas na psicanálise pode encobrir psicoses não desencadeadas ou neuroses extremadas. O **narcisismo**, no DSM, é descrito como traço problemático, enquanto em Lacan é um drama estrutural ligado ao imaginário e ao desejo do Outro. Em todos os casos, o DSM busca normatizar e adaptar, enquanto a psicanálise sustenta o vazio, o corte e a singularidade.

Diante da cultura da validação, questiona-se se a psicanálise clássica pode sobreviver. Sua prática não oferece garantias, não protege e não blinda o sujeito. Ao contrário, sustenta a falta, o não-saber e a impossibilidade como fundamentos do desejo. Essa postura contrasta com a lógica social que busca soluções padronizadas e respostas imediatas.

No filme indiano *Stephen* (2025), por exemplo, o transtorno de personalidade antissocial é apresentado como se fosse explicável por traumas familiares, sustentado em falas padronizadas do protagonista que atribui aos pais crimes que nunca ocorreram. Essa narrativa clínica, ao validar o discurso como se fosse reflexo direto da vivência, acaba por reduzir o sujeito a uma causalidade simplista: “trauma gera transtorno”. A psicanálise,

ao contrário, não se inclina a comentários tão redondos e explicativos. Ela se orienta pelo corte, pelo furo e pelo que não consegue ser dito, sustentando que o sintoma não é mera consequência linear de um evento traumático, mas expressão de uma posição subjetiva. Nesse caso, o personagem poderia ser lido não como portador de um transtorno de personalidade por traumas advindos daquelas ações por ele narradas, mas como alguém atravessado por outra estrutura, cuja narrativa inventada sobre os pais não se tornaria um componente de uma verdade clínica, o paciente arquitetou, porque sabia que a padronização que ele articulou, responderia com sentido ao psicólogo, os crimes por ele cometidos. A psicanálise, portanto, resiste à tentação de validar integralmente o “relato perfeito”, preservando o espaço da falta e da indeterminação como condição para que o sujeito seja visto por trás do que se diz.

A operação analítica consiste em escutar para além do conteúdo manifesto, captando a posição enunciativa e fazendo aparecer o sujeito do inconsciente ali onde ele se articula com discursos sociais de reconhecimento. Essa escuta não nega os fenômenos, traumas e opressões, pois podem ser reais, mas localiza o sujeito em sua enunciação: “E você, o que está dizendo ao me dizer isso?”. Essa descoberta é simultaneamente traumática e libertadora: se o Outro não garante meu ser, posso inventar uma solução singular.

O inconsciente, como estrutura de esquecimento, preserva a subjetividade e movimenta o desejo. Esse esquecimento constitutivo impede a formulação de respostas padronizadas, mantendo viva a singularidade do sujeito. A psicanálise não reduz a experiência do vazio, mas a sustenta como condição necessária para o movimento do desejar.

Eric Laurent lembra que “quando o analista compreende tudo, o inconsciente se cala. A compreensão demasiada é uma forma de resistência do analista”. A psicanálise não pode se tornar extensão algorítmica que processa demandas e devolve respostas adequadas. Ela opera pela falha, pelo tropeço que faz surgir o inconsciente, resistindo à captura pela lógica do reconhecimento que transformaria a análise em prática de reforço identitário.

3 CONCLUSÃO

A sociedade contemporânea produz uma demanda de sentido que a psicanálise não deve satisfazer completamente, sob pena de se tornar psicoterapia adaptativa. A ética psicanalítica não desqualifica compromissos sociais ou políticos, mas interroga se são exercidos em fidelidade ou em renúncia ao desejo singular. Sustentar a falta, o vazio e a impossibilidade é condição para que o sujeito se confronte com sua responsabilidade pelo próprio desejo.

Em uma cultura que massifica a dor e exige respostas imediatas, a psicanálise resiste, preservando a singularidade e a implicação do sujeito em seu próprio desejar. Sua sobrevivência depende da capacidade de não se confundir com a demanda, mas de acolher o sujeito em sua vulnerabilidade, sem reduzir sua experiência a fórmulas prontas. Assim, reafirma-se como prática que não oferece garantias, mas sustenta o movimento do desejo, preservando a potência do sujeito frente à indústria cultural do sofrimento.

[1] Membro da ASP, Caruaru, PE, Brasil. Email: lidip.pessoa@gmail.com

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. ***Dialética do esclarecimento***. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FREUD, Sigmund. ***Além do princípio do prazer***. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1920).

FREUD, Sigmund. ***O mal-estar na civilização***. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Original publicado em 1930).

FREUD, Sigmund. ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1905).

HAN, Byung-Chul. ***Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder***. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2015.

HAN, Byung-Chul. ***Sociedade do cansaço***. Petrópolis: Vozes, 2017.

LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*** *(1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*** *(1964)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. ***Escritos*****.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. ***A sociedade do sintoma: a psicanálise hoje***. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. ***A fuga do sentido***. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. ***O lugar do analista na era da globalização***. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. ***Bem-vindo ao deserto do real***. São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. ***O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política***. São Paulo: Boitempo, 1999.

DURSO FERREIRA, Saulo. ***Re-escute os Transtornos com Lacan*****.** Apostila acadêmica. Academia Freudiana, 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth. ***Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento****.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

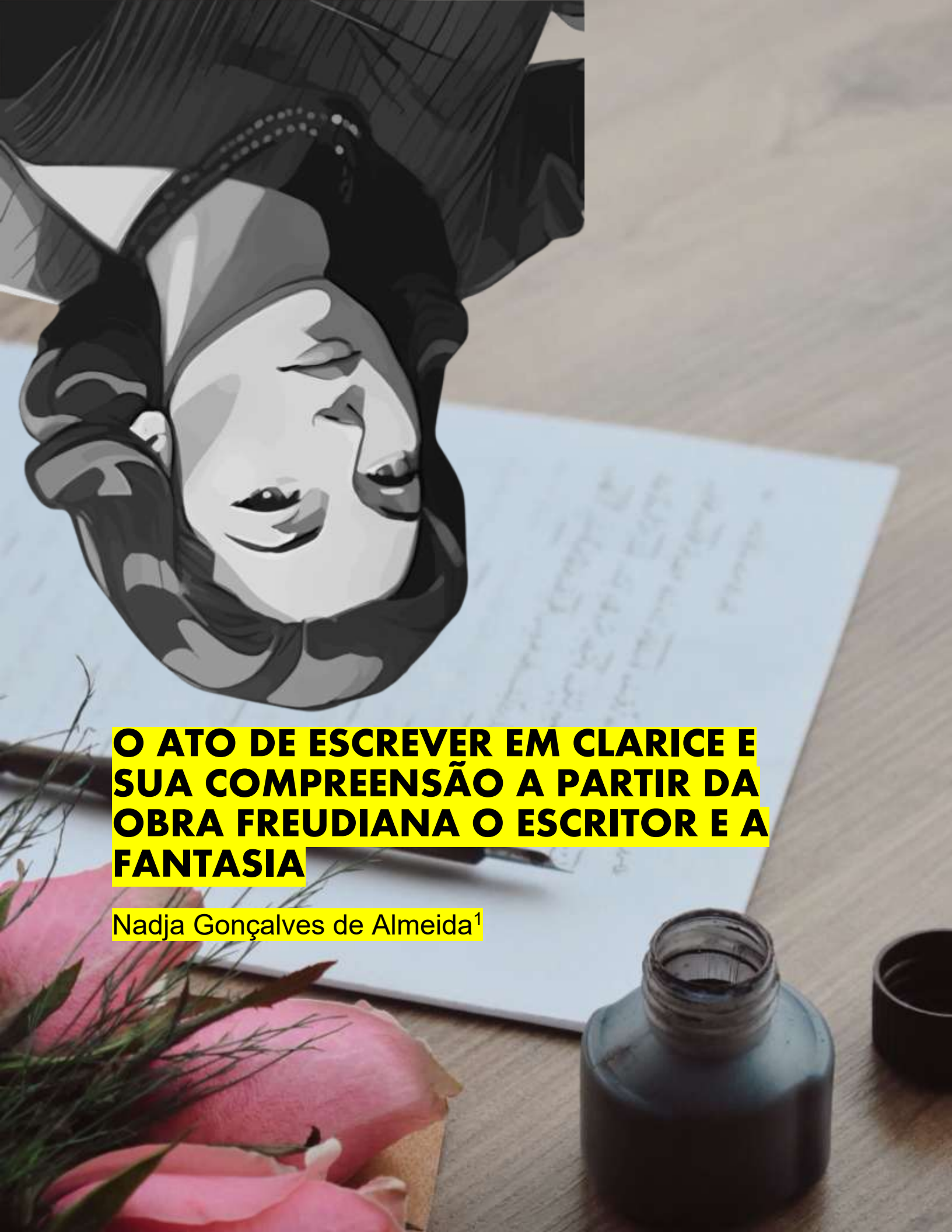
BIRMAN, Joel. ***Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação****.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MELMAN, Charles. ***A nova economia psíquica****.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

BOLLAS, Christopher. ***Sendo um personagem: psicanálise e experiência do self.*** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CASTEL, Pierre-Henri. ***A quoi résiste la psychanalyse?*** Paris: PUF, 2007.

STEPHEN. Direção de Mithun Balaji. Índia: JM Production House, 2025. Filme.



O ATO DE ESCREVER EM CLARICE E SUA COMPREENSÃO A PARTIR DA OBRA FREUDIANA O ESCRITOR E A FANTASIA

Nadja Gonçalves de Almeida[1]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o texto de Freud “O Escritor e A Fantasia” (1908), vinculando as obras de Clarice Lispector especialmente suas crônicas, contos e romances levando a refletir de onde vinham as suas inspirações literárias? Freud relaciona a produção de algumas obras dos diversos poetas e escritores na fase infantil onde encontram-se traços de vivências que os escritores buscam para suas obras. As crianças ao brincar continuam as suas brincadeiras e suas fantasias produzindo belíssimas obras literárias. Neste trabalho analisaremos crônicas contidas nas obras *A aprendendo a viver* (2004) e *Clarice na cabeceira (2009)* inspiradas em suas lembranças, seus amores e suas dores ela cria textos inspirados em suas vivências do passado. A partir da escrita freudiana que refletimos sobre as inspirações e experiências que surgiu na escrita Clariciana tornou-se subjetiva e insprospectiva, realizando da memória e a fantasia materiais para construção literária que nos emocionaram ao longo do tempo.

Palavras Chaves: Psicanálise freudiana; Clarice Lispector; Fantasia; introspecção.

THE ACT OF WRITING IN CLARICE LISPECTOR AND ITS UNDERSTANDING BASED ON FREUD'S WORK THE WRITER AND FANTASY

ABSTRACT

This work aims to reflect on Freud's text "The Writer and Fantasy," 1908, linking it to the works of Clarice Lispector, especially her chronicles, short stories, and novels, leading to a reflection on the origins of her literary inspirations. Freud relates the production of some works by various poets and writers to their childhood phase, where traces of experiences that writers seek for their works are found. Children, while playing, continue their games and fantasies, producing beautiful literary works. In this work, we will analyze chronicles contained in the works *Learning to Live* and *Clarice at the Bedside*, inspired by her memories, her loves, and her pains; she creates texts inspired by her past experiences. Based on Freudian writing, we reflect on the inspirations and experiences that emerged in Clarice's writing, which became subjective and self-explanatory, making memory and fantasy materials for literary construction that have moved us over time.

Keywords: Freudian psychoanalysis; Clarice Lispector; Fantasy; Introspection.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre obras artísticas e experiências subjetivas dos autores sempre despertou o interesse de estudiosos da mente humana, como Sigmund Freud, que propõe uma reflexão sobre as origens da imaginação artística. Para o autor, a escrita criativa está profundamente ligada às vivências da infância, período em que o indivíduo, por meio da fantasia e da brincadeira, constrói mundos próprios carregados de introspecção. Essa perspectiva abre caminho para compreender como grandes escritores transformam experiências pessoais em obras capazes de provocar intensas reações de quem lê.

Nesse contexto, as obras de Clarice Lispector se destacam pela profundidade emocional e pelo caráter introspectivo de sua escrita. Seus textos, marcados por memórias, sensações e reflexões íntimas, falam diretamente com a teoria freudiana, ao revelar uma conexão entre suas criações literárias e experiências vividas, especialmente na infância. Assim, analisar a produção de Clarice à luz das ideias de Freud permite compreender de que forma suas lembranças, sentimentos e percepções foram transformadas em narrativas que tocam profundamente o leitor.

O objetivo geral desta resenha busca explorar a relação entre a teoria apresentada por Freud e as obras de Clarice Lispector, "*Aprendendo a viver"* (2004) e "*Clarice na cabeceira*" (2009), investigando como a autora constrói seus textos a partir de vivências pessoais e como sua escrita é capaz de despertar emoções e reflexões intensas, confirmando a literatura como um espaço privilegiado de expressão da subjetividade humana.

2. FREUD DESCREVE EM SUA OBRA COMO OS ESCRITORES E POETAS BUSCAM INSPIRAÇÕES

O Pai da Psicanálise Freud (1908) escreve um texto "O Escritor e a Fantasia" levando-nos a refletir de onde o escritor ou poeta retira as suas ideias elaborando seus

textos e obras. Segundo Freud “*provocando em nós emoções de que talvez não nos julgássemos capazes.* (FREUD, 1908, p. 326).

Podemos nos perguntar: Como a autora Clarice Lispector escrevia as suas obras? De onde vinham as suas inspirações? Como os seus textos provocam emoções, reflexões íntimas e nos envolve de maneira tão forte?

Nascida na Ucrânia na cidade de Tchetchelnik em 10 de dezembro de 1920 veio para o Brasil com seus pais fugindo da perseguição aos judeus aos 2 meses de idade. Chegando ao Brasil moraram em Alagoas e depois Recife por um tempo. Muito criança aos 7 anos de idade começa a fabular e a escrever. Aos 10 anos escreveu a sua primeira peça de teatro "*Pobre menina rica*" que se perdeu no tempo. Começa a escrever para o Diario de Pernambuco que nem sempre era publicado por não ter o padrão exigido na época para sessão infantil como fadas, princesas, duendes etc.

A menina Clarice cresceu junto aos seus pais e suas 2 irmãs. Sua mãe morreu quando ela tinha 9 anos e mudou-se para o Rio de Janeiro aos 14 anos com seu pai e suas irmãs. Estudou Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1943. Nesse mesmo ano a jovem escritora publica umas das suas obras que seria de maior sucesso *Perto do Coração Selvagem,* recebeu o Prêmio Graça Aranha com sua forma moderna e inovadora de escrita aos 23 anos de idade.

Clarice buscou em suas lembranças e vivências expirações para as suas obras. Narrando em alguns contos experiências que ela viveu em sua infância e adolescência.

Tendo razão quando Freud em sua obra diz :

> *Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços de atividade criativa? A ocupação mais querida da criança é a brincadeira. Talvez possamos dizer que toda criança, ao brincar, se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio, ou, mais exatamente, arranja as coisas de seu mundo numa ordem nova, do seu agrado. (FREUD, 1908 , p..326).*

Clarice pensava que os livros cresciam em árvores, quando descobriu a realidade, descobriu o que queria ser… Escritora!

Freud nos fala que podemos descobrir em nós o desejo da criação literária e ser escritor. Relacionando o escritor ou poeta como as crianças ao brincar, construindo um mundo de fantasia levando muito a sério diferenciando o brincar e a realidade.

> *O escritor faz o mesmo que a criança ao brincar; constrói um mundo de fantasia que leva bastante a sério, ou seja, dota de grandes montantes de afeto, ao mesmo tempo que separa claramente da realidade. (FREUD, 1908, p. 327).*

A escritora Clarice Lispector descreve várias vivências suas quando criança criando em suas obras pequenas lembranças como conto *Banho de Mar* descreve o banho de mar em Olinda como uma aventura que começava na noite anterior a expectativa e o banho de mar que uma experiência vivida junto ao pai e suas irmãs que o tempo não apagou. Em seu livro *Aprendendo a Viver* ela nos diz:

> *Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria.E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, essa ilha encantada que era a viagem diária (LISPECTOR, 2004, p. 8).*

"O cheiro do mar me invadia e me embriagava." Para Clarice o banho de mar foi uma experiência única e permanece com ela, levando-a a posteriormente escrever sobre esta aventura com boas recordações da infância que viveu em Recife.

Passando por todas as fases de criança, juventude e maturidade estudou, trabalhou e escreveu diversas obras, entre elas romances, crônicas, textos e contos. Suas intuições e inspirações vinham da norma mais simples, às vezes em vivências passadas outras vezes no cotidiano. Trabalhava às vezes com sua máquina de escrever em seu colo, fumava um cigarro e tomava um café na sala de sua casa olhando os seus filhos brincarem e era assim criava os seus brilhantes textos.

3. SENSAÇÕES VIVIDAS AOS LER AS OBRAS DE CLARICE

Um outro texto que percebe-se que Clarice busca em sua memória infantil, foi o conto Restos de Carnaval, do livro *Aprendendo a Viver*, passado em Recife época carnavalesca narra como ela quando criança que não participava do carnaval por ter sua mãe acamada, nunca havia brincado em bailes infantis e nunca tinha se fantasiado. Entretanto em sua memória ela resgata um dos carnavais que diferente, quando a mãe de uma amiga ajuda a fazer uma fantasia de papel crepom rosa ajudando a criança Clarice a se fantasiar e esperar o seu grande momento nunca antes vivido.

> "*Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto, essa não consigo sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso." (Lispector, 2004, p.11).*

Mas quis o destino que sua mãe precisasse de remédios e ela saiu em meio a multidão acabando totalmente o seu carnaval tão esperado, marcando-a para sempre.

> *Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram me comprar depressa um remédio na farmácia (Lispector, 2004, p.11).*

Assim terminou o carnaval da menina Clarice:

> *… horas depois a atmosfera da casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantou, pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. (Lispector, 2004, p.11).*

Um outro conto da mesma obra Clarice resgata em sua infância o conto Cem Anos de Perdão. Relembra que roubava rosas nas ruas ladeadas por palacetes no centro do Recife. Ela e uma amiga brincavam de "a casa é minha" e a quem pertenciam os palacetes, olhava com admiração as rosas e dava um jeito de roubá-las sem ser vista.

> *No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume. (Lispector, 2004, p.12).*

Diversos momentos vividos da autora nos transporta para a sua infância dividindo com o leitor um pouco da sua história e momentos singulares da sua vida. Confirmando o que Sigmund Freud descreve que as criações podem ser investigadas e resgatadas na infância, onde os autores buscam inspirações para as suas obras literárias. As crianças ao brincar levam muito a sério as suas brincadeiras, construindo em seu imaginário uma realidade, ao qual leva a sério investindo no afeto tornando-o sua realidade.

> O escritor faz o mesmo que a criança ao brincar; constrói um mundo de fantasia que leva bastante a sério, ou seja, dota de grandes montantes de afeto, ao mesmo tempo que o separa claramente da realidade (FREUD, 1908. p.327)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho levamos a concluir que Freud em seu texto **"***O Escritor e a Fantasia" (1908)* tem propriedade e atualidade quando nos faz refletir que a grande escritora Clarice Lispector em suas obras buscou inspiração em sua infância. A qual foi marcada pela gravidade da doença da mãe e as dificuldades financeiras da época. Uma criança que brincava com as palavras e desde de muito cedo já escrevia e levava para o papel a sua criatividade e o afeto.

Freud nos traz que "*a criança ao brincar constrói um mundo que leva bastante a sério"*. Clarice muito cedo levava muito a sério o ato da escrita e a sua imaginação. Apresentava desde de muito cedo e colocava na escrita esta introspecção. Assim como a leitura fazia parte da sua vida como forma introspectiva e única de escrita, bem diferente para a época. Levando-a críticas e rejeições de diretores de jornais e editoras. Mesmo assim ela não desiste do seu sonho de ser escritora, uma pulsão, um desejo que a moveu e impulsionou a ser uma das maiores escritoras brasileiras.

Com maestria no Pai da psicanálise nos diz "...*muitas emoções que são dolorosas em si mesmas podem se tornar fontes de fruição para os ouvintes e espectadores do escritor"* (FREUD, 2015).

[1] Membro da Associação Saber Psicanalítico (ASP), Caruaru, PE, Brasil. Email: nadjagoncalves_almeida2017@hotmail.com

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras Completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909) Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza - 1 ed - São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver.** Organização de Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira/** Clarice Lispector ; organização de Tereza Monteiro - Rio de Janeiro; Rocco , 2009.

MONTERO, Teresa. **A procura da própria coisa : Uma biografia de Clarice Lispector / Teresa Montero** - 1 ed. - Rio de Janeiro : Rocco, 2021.



DA ENGRENAGEM BIOLÓGICA À FALTA CONSTITUTIVA:

O AMOR COMO ANTEPARO AO DESAMPARO E ENLACE NO LUTO

Fabiano Francys da Silva[1]

RESUMO

O presente artigo propõe uma articulação teórico-crítica acerca do fenômeno do amor, investigando suas ramificações desde a dimensão neurobiológica até suas formulações metapsicológicas, filosóficas e contemporâneas. Sob a lente da psicanálise e da filosofia da suspeita, o amor é analisado não como uma idealização romântica, mas como um operador fundamental de manejo do desamparo (*Hilflosigkeit*) estrutural humano. Através dos aportes de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein e Friedrich Nietzsche, discute-se como o enlace amoroso atua como uma ficção necessária contra a angústia de aniquilamento, ao mesmo tempo em que cobra seu preço subjetivo ao expor o ego à iminência do luto e da perda. Por fim, recorre-se às contribuições de Ana Suy para compreender a articulação desse afeto na trama dos discursos e do laço social contemporâneo, situando o amor como o espaço possível entre duas solidões.

Palavras-chave: Psicanálise; Amor; Desamparo; Angústia; Luto.

FROM THE BIOLOGICAL GEAR TO THE CONSTITUTIVE LACK: LOVE AS A SHIELD AGAINST HELPLESSNESS AND A BOND IN GRIEF

ABSTRACT

This article proposes a theoretical-critical articulation regarding the phenomenon of love, investigating its ramifications from the neurobiological dimension to its metapsychological, philosophical, and contemporary formulations. Under the lens of psychoanalysis and the philosophy of suspicion, love is analyzed not as a romantic idealization, but as a fundamental operator for managing structural human helplessness (Hilflosigkeit). Through the contributions of Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein, and Friedrich Nietzsche, it discusses how the amorous bond acts as a necessary fiction against annihilation anxiety, while simultaneously extracting its subjective price by exposing the ego to the imminence of grief and loss. Finally, it resorts to the contributions of Ana Suy to understand the articulation of this affect within the network of discourses and the contemporary social bond, situating love as the possible space between two solitudes.

Keywords: Psychoanalysis. Love. Helplessness. Anxiety. Grief.

1 INTRODUÇÃO

O questionamento acerca da natureza do amor atravessa a história da civilização ocidental. Esse afeto oscila entre a santidade dos altares metafísicos e a vulgaridade das vivências cotidianas. Longe de ser um fenômeno puramente idílico, o amor não representa uma harmonia preestabelecida entre duas almas. Ele impõe-se ao sujeito contemporâneo como uma interrogação violenta. Esta se traduz, frequentemente, pelo estranhamento diante da própria dependência afetiva. Para a ciência contemporânea, o amor pode ser reduzido a um determinismo materialista. Trata-se de um imperativo biológico estruturado por um complexo arranjo neuroquímico. Nesse processo, a dopamina, a norepinefrina e a ocitocina atuam de forma sequencial. Esses hormônios garantem o acasalamento, a reprodução e a preservação da espécie através do apego (Félix *et al.*, 2026, p. 2). O cérebro opera em um estado de quase intoxicação farmacológica para fins evolucionários.

Contudo, a redução do amor à sua mecânica hormonal falha em responder à angústia humana. O bicho humano, capturado pela linguagem, subverte o instinto biológico em pulsão. Essa captura transforma a necessidade orgânica de reprodução em um enigma subjetivo. É precisamente nessa fresta entre o biológico e o simbólico que a psicanálise e a filosofia se inserem. A neurobiologia descreve com precisão o funcionamento da engrenagem. Em contrapartida, a metapsicologia freudiana e os desdobramentos pós-freudianos buscam compreender o que move o sujeito. Interessa entender por que ele investe tão sofregamente sua libido no Outro. Esse investimento ocorre mesmo sob o risco iminente da dor, da rejeição e do luto.

Este artigo propõe uma investigação teórica imbricada na clínica psicanalítica. Toma-se o amor como o principal anteparo construído pelo sujeito contra o desamparo (*Hilflosigkeit*) constitucional da condição humana. A hipótese central que norteia esta discussão assume o amor como uma ficção defensiva vital. Como assevera o pai da psicanálise, “tornamo-nos doentes quando, em consequência de entraves, não podemos amar” (Freud, 1914, p. 21). Amamos, portanto, para não adoecer diante da nossa própria incompletude. Criamos no Outro a ilusão de um porto seguro. Todavia, essa mesma barreira protetora que aplaca a angústia abre as portas para o luto. Ao enlaçar-se ao

objeto, o sujeito aceita um pacto doloroso. A perda deste significará a fragmentação temporária de si mesmo.

Para sustentar tal percurso epistemológico, este trabalho articula diferentes perspectivas teóricas. O percurso resgata o pensamento de Friedrich Nietzsche sobre a desmistificação dos valores. Aborda-se, também, o amor como criação estética da Vontade de Potência. O texto convoca a fundação metapsicológica de Sigmund Freud sobre o desamparo e o luto. Incluem-se os desdobramentos de Melanie Klein acerca da ansiedade aniquilatória e do amor como reparação. O artigo adensa-se com a subversão de Jacques Lacan, que localiza o amor na dimensão do engano e da falta constitutiva. Por fim, recorre-se às formulações de Ana Suy para tensionar esse afeto diante do isolamento contemporâneo. O enlace amoroso surge como a partilha de uma falta, pois "o amor não nos retira da solidão, ele a sublinha" (Suy, 2022, p. 15). Trata-se de delimitar o amor em sua quádrupla face: urgência pulsional do corpo, necessidade defensiva do ego, tragédia do desejo e espaço entre solidões compartilhadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Ilusão Vital: Nietzsche e o Amor como Criação e Vontade de Potência

Para compreender o amor além do idealismo romântico ou do reducionismo orgânico, faz-se necessário convocar a filosofia da suspeita. Sob esse prisma, opera-se uma verdadeira genealogia dos afetos. O amor é despido de suas roupagens divinas e metafísicas para revelar-se, afinal, como um fenômeno humano, demasiado humano. O erro crasso das tradições filosóficas e religiosas anteriores consistiu em santificar esse sentimento. Essa santificação idealizada transformou uma urgência vital em virtude altruísta. Contrapondo-se a isso, define-se essa dinâmica de forma crua, uma vez que o amor ao próximo configura-se como um "desejo de nova propriedade" (Nietzsche, 2012, p. 43). Distanciando-se de tal ilusão, assevera-se que o enlace, em sua gênese, constitui a expressão máxima do desejo de posse e da Vontade de Potência ou *Wille zur Macht* (Nietzsche, 2005, p. 80).

Ao analisar a transição da paixão avassaladora para o laço duradouro, desmascara-se a suposta generosidade do amante. O que se convencionou chamar de amor configura-se, essencialmente, como o instinto de propriedade disfarçado. Trata-se do desejo sôfrego de transformar o outro em um território conquistado, alimentando e expandindo o próprio ego (Nietzsche, 2005, p. 112). Essa dinâmica predatória fica evidente quando se compara o amor à fome. Ambos os impulsos nascem do desejo de internalizar e digerir o objeto externo para a própria conservação e expansão subjetiva. Há, portanto, uma crueldade inerente a esse enlace. Exige-se a exclusividade, o controle e a submissão simbólica do amado, mascarando tal tirania sob o manto da devoção.

Entretanto, a genealogia nietzschiana não se limita a denunciar o egoísmo do amor, pois também reconhece nele uma função estética essencial para a economia da vida. A análise materialista e biológica demonstra que a paixão cega o sujeito por meio de uma inundação neuroquímica (Félix et al., 2026, p. 2). Contudo, o pensamento filosófico antecipa essa tese pelo viés da ilusão necessária. O ser humano, por ser o único animal consciente da tragédia e do absurdo da própria existência, necessita de véus ilusórios para tolerar a dureza do real. O amor atua como o mais potente desses véus. Nesse sentido, afirma-se com precisão que “no amor os homens querem ser cegados” (Nietzsche, 2005, p. 78). Ao hipervalorizar as qualidades do ser amado por meio de uma idealização delirante, o sujeito constrói uma ilha de sentido em meio ao caos do mundo, protegendo-se contra o niilismo.

Nesse horizonte, estabelece-se uma distinção clínica e conceitual crucial entre duas formas de amar, as quais se dividem pelo termômetro da força anímica do sujeito. A primeira delas é o amor que brota da penúria, da falta e do ressentimento. Trata-se do amor reativo, típico daqueles que buscam no outro um salvador ou uma muleta existencial para aplacar o próprio vazio. Esse amante esgota o objeto, pois o ama unicamente a partir de sua própria fraqueza. Em contrapartida, a segunda forma delineada é o amor que transborda da riqueza, da saúde e da Vontade de Potência ativa. É o amor criador, que não pede, mas doa. Ele rejeita a fusão simbiótica paralisante em prol da celebração da diferença. Esse amor superior suporta o sofrimento e a solidão,

enxergando no outro um companheiro de travessia, e não um mero anestésico contra o desamparo (Nietzsche, 2011, p. 62).

Ao desmistificar esse afeto, o pensamento nietzschiano prepara perfeitamente o terreno para a introdução da clínica psicanalítica. Ao apontar que o amor transita entre a busca desesperada por posse e a necessidade estética de criar uma ilusão protetora, a filosofia da suspeita abre portas fundamentais. Torna-se possível, a partir daqui, investigar o que há de mais arcaico no psiquismo: o terror do desamparo original. Esta é a ferida que o enlace amoroso tenta, a todo custo, cicatrizar.

2.2 O Desamparo Primordial e a Angústia de Existir: De Freud a Klein

Se a filosofia nietzschiana denuncia a ilusão estética do amor, a psicanálise freudiana localiza a raiz dessa ilusão na mais primitiva experiência humana. Trata-se do desamparo constitucional do vivente. O ser humano nasce em um estado de prematuridade biológica radical. Diferente de outros animais dotados de instintos para a sobrevivência imediata, o bebê humano é incapaz de realizar a ação específica para saciar suas necessidades orgânicas. Ele depende inteiramente da interferência de um agente externo. Esse estado crônico de vulnerabilidade coloca o organismo à mercê de uma inundação de estímulos que ele não consegue escoar de forma autônoma. O fenômeno gera o protótipo daquilo que a metapsicologia conceitua como a angústia traumática (Freud, 2014, p. 32).

O Outro cuidador emerge, portanto, como o primeiro anteparo contra o aniquilamento psíquico. A primeira situação de perigo reconhecida pelo ego consiste, fundamentalmente, na perda do objeto ou da proteção deste. O afeto correspondente funciona como um sinal de alerta contra o medo de reviver o desamparo inicial. Nesse contexto, afirma-se graficamente que “a essência do perigo de desamparo reside na superacumulação de excitação que exige satisfação” (Freud, 2014, p. 54). Consequentemente, o amor revela sua face defensiva primordial. O sujeito investe sua libido no objeto externo para se proteger da própria fragilidade constitucional. O enlace surge como o preço pago pelo ego para não adoecer de fragmentação.

Aprofundando a cartografia desse psiquismo arcaico, o pensamento kleiniano avança na compreensão de como o amor e a angústia se estruturam nas camadas mais primitivas do desenvolvimento emocional. O bebê não vivencia o desamparo de forma passiva, mas através de uma intensa dinâmica de fantasias inconscientes. Na chamada posição esquizoparanóide, marcada pela ansiedade de aniquilamento, o self projeta suas pulsões de morte e de vida no seio materno. O objeto é cindido de forma maniqueísta entre um aspecto bom e um persecutório (Klein, 1997, p. 22).

O amor propriamente dito começa a se desenhar na transição para a posição depressiva. Nesse estágio, o ego em vias de integração passa a perceber que o objeto amado e o objeto odiado constituem a mesma e única pessoa. Essa descoberta desencadeia a ansiedade depressiva. O sujeito é assolado pela culpa e pelo pavor de que seus ataques agressivos fantasiosos tenham destruído o objeto de quem tanto depende. Diante disso, assevera-se que “a tendência à reparação desempenha um papel decisivo no desenvolvimento do amor e da identificação” (Klein, 1996, p. 315).

É precisamente a partir dessa dor insuportável da culpa depressiva que nasce o motor do amor maduro. Amar transforma-se no esforço contínuo de restaurar, proteger e recriar o objeto bom interno e externo. O sentimento deixa de ser apenas uma busca egoísta por amparo para se tornar uma responsabilidade ética com a preservação do Outro. Contudo, essa mesma ligação estreita faz com que o sujeito permaneça vulnerável. O laço amoroso, ao mesmo tempo em que repara a fragmentação paranoigênica, recoloca o indivíduo diante do risco iminente da perda. Essa vulnerabilidade estrutural obriga a investigação das amarras que a teoria lacaniana impõe a essa dinâmica.

2.3 Amar é Dar o que Não Se Tem a quem não o quer: A Virada Lacaniana

Se o pensamento freudiano localiza o amor na busca por amparo e a teoria kleiniana no esforço de reparação, a perspectiva lacaniana opera uma subversão cortante. Esse deslocamento conceitual situa o afeto na dimensão do impossível e do engano estrutural. Afastando-se de qualquer promessa de completude ou de fusão das almas, introduz-se uma máxima que ecoa como um veredito trágico sobre a condição

humana. Afirma-se que “amar é dar o que não se tem a quem não o quer” (Lacan, 2010, p. 288). Para compreender o peso dessa afirmação que esvazia as certezas do ego, é preciso investigar a constituição do sujeito. Nesse horizonte, o amor não nasce da riqueza interna, mas sim do coração da própria miséria subjetiva.

Para a psicanálise de orientação lacaniana, o ser humano configura-se como um sujeito cindido, marcado por uma falta constitutiva provocada pela sua entrada no universo da linguagem. Ao ser capturado pelo ecossistema das palavras, o vivente perde o contato com a totalidade do corpo e do instinto. Ele é exilado do Real e condenado a desejar através de símbolos. Essa ferida aberta constitui um vazio central que nenhuma substância no mundo é capaz de tamponar. Trata-se da própria engrenagem do desejo. É desse vazio que brota o amor. O sujeito não ama a partir daquilo que ele possui na ordem das posses imaginárias. Ele ama a partir de seu deserto. Amar configura-se como o ato de oferecer ao Outro a sua própria impotência e vulnerabilidade (Lacan, 2010, p. 290).

Contudo, a dinâmica amorosa ganha contornos complexos na segunda metade da fórmula tradicional. O Outro a quem o amante dirige sua súplica também representa um sujeito em falta. Ele constitui uma criatura igualmente desamparada e sedenta de completude. O amado rejeita receber a falta do amante, pois encontra-se ocupado em esconder o seu próprio vazio. O parceiro deseja o objeto mítico que ele ilusoriamente supõe que o amante guarda dentro de si. Esse brilho oculto conceitua-se na teoria como o agalma (Lacan, 2010, p. 182). O amor torna-se, então, um desencontro. Um sujeito oferece seu vazio a um Outro que, por sua vez, busca um tesouro imaginário inexistente.

Nesse desencontro estrutural, o amor revela-se como uma ficção necessária e como o engano mais doloroso produzido pelo psiquismo. O sujeito nunca ama a pessoa real colocada diante de si. Ele ama o lugar que ela ocupa na economia psíquica. O objeto amado é revestido com as vestes do objeto a, o objeto causa de desejo. Esse elemento representa a lasca de Real perdida na fundação do sujeito que promete, falsamente, o retorno à plenitude (Lacan, 2016, p. 45). O amor funciona como esse milagre efêmero

que faz com que a falta pareça suportável, transformando o desamparo em uma ilusão compartilhada.

Amar, na esteira lacaniana, exige coragem, pois significa despir-se das defenses neuróticas e aceitar que o laço se assenta sobre o vazio. Na teorização sobre o tema, postula-se a máxima de que “amar é dar o que não se tem a quem não o quer” (Lacan, 2010, p. 288). Ocorre o reconhecimento de que o sujeito está irremediavelmente só. Essa exposição absoluta à falta confere ao amor sua dignidade singular. Contudo, ela também deixa o indivíduo à mercê do terror mais profundo. Trata-se do momento em que o engano se desfaz e o sujeito é jogado de volta à verdade nua do luto e da perda.

2.4 O Amor na Contemporaneidade: As Contribuições de Ana Suy e o Encontro com a Solidão

A virada lacaniana encontra eco e arrefecimento clínico na literatura psicanalítica brasileira. Esse movimento ganha contornos específicos nas formulações de Ana Suy. A psicanalista traduz a opacidade dos conceitos estruturais para uma linguagem voltada ao sujeito hipermoderno. Esse indivíduo se encontra asfixiado pelas promessas de felicidade imediata do consumo afetivo. No arcabouço teórico em questão, o enlace amoroso é reposicionado não como o oposto da solidão, mas como a sua própria consequência e desdobramento mais íntimo. Assevera-se que a solidão não constitui um fracasso existencial ou a simples ausência de outrem, mas sim a nossa condição de base (Suy, 2022, p. 14). Trata-se do solo do qual o sujeito parte e para onde inevitavelmente retorna.

Sob essa ótica, a neurose contemporânea reside na tentativa de fazer do amor um anestésico contra o vazio. O sujeito atual busca o par afetivo como uma mercadoria capaz de preencher suas lacunas identitárias e aplacar o t tédio. Todavia, adverte-se que o amor real opera na contramão dessa lógica mercantil. Amar não representa encontrar a totalidade. Significa ter a coragem de visar o enlace e tolerar o encontro com o deserto subjetivo. Como aponta a produção científica sobre essa dimensão, “o amor não nos retira da solidão, ele a sublinha” (Suy, 2022, p. 15). A falta constitucional permanece intacta. O amor não cura a solidão, mas a ilumina e a torna habitável.

Aprofundando essa dinâmica, resgata-se a dimensão do tempo e do desencontro na tessitura dos laços afetivos. Em consonância com a máxima lacaniana sobre a impossibilidade de uma fusão perfeita entre dois universos, aponta-se que o amor exige o luto das expectativas ideais. Amar o outro real implica abrir mão do objeto imaginário construído pela fantasia. Há uma dor crônica envolvida nesse processo de desidealização. Ocorre a descoberta de que o parceiro não possui as respostas para os enigmas subjetivos (Suy, 2022, p. 48).

Essa perspectiva ganha contornos de ética clínica quando se discutem os limites do afeto no laço social. Alerta-se para o perigo de instrumentalização do parceiro como curador de feridas infantis ou guardião do desamparo. O amor na clínica contemporânea só se sustenta quando o sujeito consegue demarcar o seu próprio vazio. Essa demarcação impede que o parceiro o invada ou tente tamponá-lo de maneira simbiótica. Com efeito, afirma-se textualmente que "amar o vazio do outro é o que há de mais difícil e de mais bonito no amor" (Suy, 2023, p. 52). O afeto configura-se como o espaço criado entre duas solidões, e não a aniquilação delas.

Portanto, as contribuições teóricas analisadas humanizam o rigor conceitual ao demonstrar que a impossibilidade do amor-perfeito não invalida o encontro. É justamente pela incompletude e pelo isolamento de base que o laço adquire valor de sobrevivência psíquica. Contudo, ao aceitar o risco de sair da fortaleza solitária para investir no Outro, o sujeito torna-se vulnerável à sua partida. Essa transição conduz ao passo seguinte deste percurso: o entendimento de que o preço cobrado pela coragem de amar é a iminência da perda.

2.5 O Preço do Enlace: O Luto da Perda e a Dor de Amar

Ao cruzar o deserto das solidões compartilhadas e aceitar a vulnerabilidade imposta pelo laço, o sujeito depara-se com o reverso da dinâmica amorosa. Trata-se da iminência da perda. A psicanálise demonstra que o luto não constitui um acidente de percurso, um erro de cálculo ou uma patologia do afeto. Ele configura-se como o preço cobrado pela audácia de ter amado. Investiga-se, sob esse prisma, os mecanismos psíquicos ativados quando o objeto investido de libido é retirado do mundo real. Esse

desaparecimento decorre da morte física, do abandono ou do encerramento de um pacto afetivo. O luto surge como uma reação normal e dolorosa à perda de quem havia sido internalizado como parte do próprio ego (Freud, 2010, p. 171).

A dor do luto reside no caráter econômico da libido. Ao amar, o sujeito estende tentáculos pulsionais em direção ao Outro, hipervalorizando-o e depositando nele projeções e defesas contra o desamparo original. No momento em que esse objeto desaparece, a libido não retorna imediatamente para o ego. Ela permanece atada ao fantasma do objeto perdido. Como assinala a teoria, o grande trabalho do luto (*Trauerarbeit*) consiste na tarefa exaustiva de convencer o psiquismo, através do exame de realidade, de que o objeto não existe mais. Cada lembrança e expectativa depositada no Outro precisam ser desinvestidas, uma a uma. Esse processo consome uma quantidade colossal de energia anímica (Freud, 2010, p. 172).

É por essa razão que o luto compromete a integridade psíquica. A perda do objeto amado remove o anteparo que ocultava a falta constitutiva, arremessando o sujeito de volta ao estado de Hilflosigkeit original. O luto escancara a ferida que o amor tentava cicatrizar, isto é, a verdade nua da solidão estrutural. Perder o Outro significa perder o espelho que devolvia uma imagem integrada do self. Sem o olhar do amado para validação, o ego experimenta um esvaziamento temporário. Diante desse cenário, a metapsicologia postula que, “na melancolia, o ego se apresenta como empobrecido e vazio, ao passo que no luto é o mundo que se tornou pobre” (Freud, 2010, p. 175).

Essa dinâmica adquire contornos contemporâneos quando articulada à literatura psicanalítica brasileira recente. O luto não se restringe ao fim cronológico de uma relação, pois ele habita o interior do próprio laço vivo. Amamos no luto contínuo da idealização que decai cotidianamente. Ocorre a aceitação diária de que o parceiro real nunca corresponderá ao objeto mítico exigido pela neurose. Portanto, a dor de amar e a dor de perder são faces da mesma moeda existencial (Suy, 2022, p. 84). O sujeito que se blinda contra o luto, recusando-se a investir no Outro por medo do abandono, condena-se a um isolamento narcísico empobrecido.

O luto passa a ser lido, portanto, como um ato de resistência e de dignidade subjetiva. Ele atesta que o amor, apesar de sua estrutura construída sobre o engano e sobre a falta, configurou uma experiência real de alteridade. Como aponta a produção científica contemporânea sobre a perda, “elaborar o luto é dar um lugar para a ausência” (Suy, 2022, p. 89). A dor que tensiona o psiquismo do enlutado funciona como a prova irrefutável de que ele abriu mão de sua autossuficiência defensiva. Arriscar-se no território imprevisível do Outro torna o luto, em última análise, o testemunho final do investimento que se esvaiu.

2.6 O Amor na Trama dos Discursos e do Laço Social Contemporâneo

Para além da dinâmica intrapsíquica na busca pelo objeto, o amor estrutura-se dentro de coordenadas históricas e discursivas específicas. Na metapsicologia lacaniana, o discurso não se reduz à linguagem falada. Ele define-se como uma estrutura formal que regula os laços sociais e determina as posições subjetivas. Ao propor a teoria dos quatro discursos, a vertente demonstra como o sofrimento anímico e as formas de amar sofrem o impacto das mutações culturais (Lacan, 2015, v. 17, p. 12). No cenário contemporâneo, o amor é atravessado por uma modificação severa dessa engrenagem. Trata-se da emergência daquilo que a teoria cunhou como o Discurso do Capitalista.

O Discurso do Capitalista opera uma subversão inédita nas relações afetivas ao tentar abolir a dimensão da falta constitutiva. Essa falta, conforme exaustivamente debatido, constitui o próprio motor do amor e do desejo. A engrenagem sociocultural contemporânea vende a ilusão de que o desamparo original pode ser inteiramente tamponado pelo consumo de objetos de rápida obsolescência. Essa lógica mercantil invade o campo dos afetos, transformando o Outro em um objeto descartável. O amor passa a ser capturado pela técnica e pela utilidade. O parceiro é hipervalorizado enquanto performa eficiência e satisfação narcísica, sendo prontamente substituído diante do menor sinal de frustração (Lacan, 2015, v. 17, p. 34).

Essa mercantilização do laço social articula-se cirurgicamente à denúncia sobre o empobrecimento das trocas afetivas na atualidade. A literatura psicanalítica recente aponta que a sociedade de desempenho exige sujeitos autossuficientes e blindados.

Esses indivíduos enxergam a dependência emocional inerente ao amor como uma fraqueza a ser extirpada. O imperativo contemporâneo ordena que o sujeito se ame primeiro de forma egoica, criando uma barreira narcísica que impede o verdadeiro encontro com a alteridade. Como adverte a formulação teórica sobre esse cenário, “na lógica do capitalista, o sujeito consome o outro como um objeto e não como um sujeito” (Suy, 2022, p. 114).

O Discurso do Capitalista promete o amor sem o risco da dor, sem o trabalho do luto e sem o peso da angústia. O resultado desse arranjo, contudo, configura-se na proliferação de sintomas clínicos graves. Destacam-se a solidão desamparada, o tédio existencial e a incapacidade crônica de sustentar vínculos duradouros. A queixa clínica sobre o desamor ou sobre a dor da perda não representa um drama puramente individual. Trata-se, com efeito, do sintoma de uma época que comercializa o afeto e silenciar a angústia de existir. Diante desse mal-estar na cultura, afirma-se graficamente que “o laço social contemporâneo tenta forcluir a dimensão da falta” (Lacan, 2015, v. 17, p. 48).

Portanto, analisar o amor sob a ótica dos discursos desvela determinantes estruturais cruciais. Para que o enlace aconteça, faz-se necessário subverter o discurso vigente. Essa subversão opera sustentando o laço social a partir da partilha das próprias faltas, e não da exibição de potências imaginárias. É esse entendimento ético e político que norteia a prática clínica psicanalítica e que conduz esta investigação às suas considerações finais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação teórica empreendida permitiu despir o fenômeno do amor de suas roupagens idílicas. Esse movimento retirou o afeto dos altares metafísicos para localizá-lo em sua tripla e violenta encruzilhada: imperativo da carne, ficção defensiva do ego e tragédia do desejo. Ao cruzar a perspectiva nietzschiana com as formulações da metapsicologia clássica e contemporânea, desvelou-se que o enlace não opera na ilusão da completude. Ele atua, essencialmente, no território da falta constitutiva. O sentimento

emerge como o mais sofisticado e vital anteparo construído pelo vivente para fazer frente ao desamparo (*Hilflosigkeit*) estrutural que o condena desde o nascimento.

A travessia por este percurso revelou que amar constitui uma partilha de misérias subjetivas. Através da vertente nietzschiana, compreendeu-se que o amor exige uma mentira artística vital e um véu estético que falsifica a dureza do real. Esse mecanismo permite ao sujeito tolerar o absurdo da existência (Nietzsche, 2012, p. 45). Os estudos de orientação freudiana e kleiniana demonstraram que esse investimento pulsional no Outro configura o preço pago pelo psiquismo para evitar o naufrágio na angústia traumática. Trata-se da tentativa de cicatrizar a vulnerabilidade do nascimento e de reparar os objetos internos (Klein, 1996, p. 315). A abordagem lacaniana radicalizou esse destino ao inscrever o amor na dimensão do engano e do impossível (Lacan, 2010, p. 288). Essa máxima é acolhida pela clínica de Ana Suy, que localiza no abraço entre duas solidões irredutíveis a única chance de um encontro autêntico (Suy, 2022, p. 15).

Conclui-se, portanto, que o preço cobrado pela renúncia à autossuficiência narcísica e pela busca em direção ao Outro consiste na iminência do luto e na reativação da angústia de aniquilamento. Quando o objeto amado parte, o sujeito retorna à nudez de sua solidão de base. Todavia, é precisamente nessa ferida aberta que o luto se consolida não como uma patologia do afeto, mas como a prova de que o amor existiu em sua dignidade clínica mais pura (Freud, 2010, p. 175). O luto configura-se como a última declaração de amor direcionada ao fantasma do objeto perdido. A dor do desinvestimento libidinal funciona como o eco do espaço que o Outro ocupava na economia psíquica.

Para a práxis da psicologia e da psicanálise, o manejo dessa dor impõe uma ética que subverte o discurso contemporâneo do consumo descartável e da autossuficiência cega. Acolher o sujeito enlutado ou angustiado não significa curá-lo de sua falta ou lhe oferecer um anestésico contra o vazio. O manejo clínico visa sustentá-lo na dignidade de compreender que chorar a perda do Outro evidencia a própria humanidade. Em última análise, diante do questionamento visceral sobre a natureza real do amor, conclui-se que ele representa o milagre de duas criaturas irremediavelmente sós. Condenados ao

desamparo e à linguagem, os sujeitos decidem construir uma ficção poética compartilhada para tornar o silêncio do universo suportável. A entrega a esse impossível confere à existência sua dimensão mais significativa.

[1] UNIVISA, Vitória de Santo Antão, PE, Brasil. Email: fabiano.202221025@univisa.edu.br



REFERÊNCIAS

FÉLIX, Gabriel dos Santos *et al*. Afeto, Ciência e Sociedade: uma revisão narrativa sobre a neurobiologia do amor romântico. *Cadernos de Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-11, 2026.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia (1926)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 17).

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia (1917)*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).* Tradução de Albinia de Carvalho. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, v. 1).

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963).* Tradução de Lúcia Mattos. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8*: a transferência (1960-1961). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10:* a angústia (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17:* o avesso da psicanálise (1969-1970). Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015.

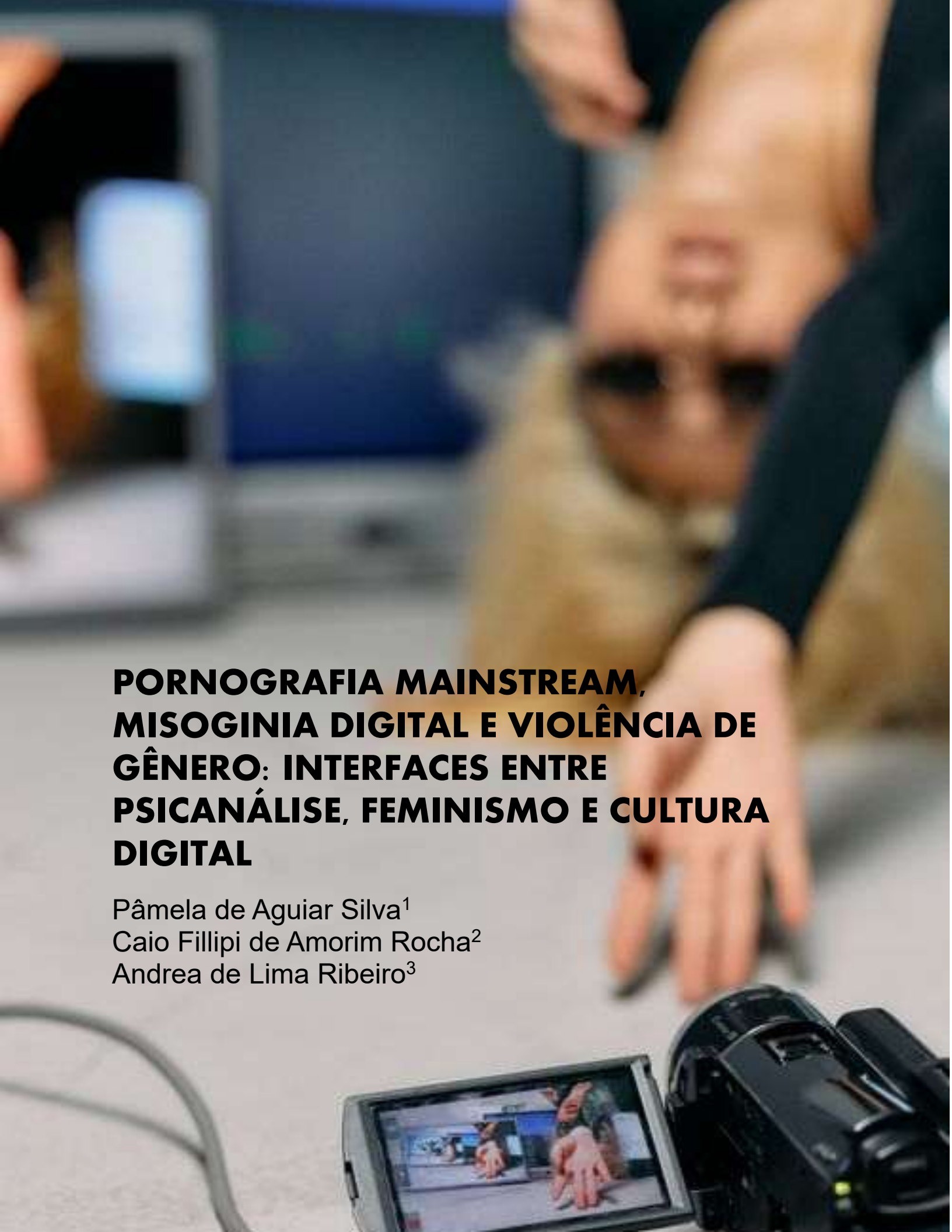
NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência (1882).* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra:* um livro para todos e para ninguém (1883). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano:* um livro para espíritos livres (1878). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão.* São Paulo: Paidós, 2022.

SUY, Ana. *Não pise no meu vazio.* São Paulo: Planeta, 2023.



PORNOGRAFIA MAINSTREAM, MISOGINIA DIGITAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: INTERFACES ENTRE PSICANÁLISE, FEMINISMO E CULTURA DIGITAL

Pâmela de Aguiar Silva[1]
Caio Fillipi de Amorim Rocha[2]
Andrea de Lima Ribeiro[3]

RESUMO

O presente ensaio discute as conexões entre pornografia mainstream, patriarcado e misoginia digital, investigando como conteúdos pornográficos e comunidades masculinistas virtuais colaboram para a manutenção da violência simbólica e das desigualdades de gênero no contexto contemporâneo. Com base na articulação entre Psicanálise, teoria social e estudos de gênero, analisa-se a circulação de discursos misóginos, a objetificação das mulheres e a naturalização de relações de dominação no espaço digital. Também são abordados os impactos sociais, culturais e subjetivos desses processos, considerando a influência das plataformas online, dos algoritmos e das estruturas históricas de poder. Por fim, destaca-se a necessidade de estratégias interdisciplinares voltadas à reflexão crítica sobre mídia, gênero e violência na sociedade atual.

Palavras-chave: Pornografia mainstream; Misoginia digital; Psicanálise.

MAINSTREAM PORNOGRAPHY, DIGITAL MISOGYNY, AND GENDER VIOLENCE: INTERSECTIONS OF PSYCHOANALYSIS, FEMINISM, AND DIGITAL CULTURE

ABSTRACT

This essay discusses the connections between mainstream pornography, patriarchy, and digital misogyny, investigating how pornographic content and online masculinist communities contribute to the maintenance of symbolic violence and gender inequalities in contemporary society. Based on the articulation between Psychoanalysis, social theory, and gender studies, the essay analyzes the circulation of misogynistic discourses, the objectification of women, and the normalization of domination relations in digital spaces. It also addresses the social, cultural, and subjective impacts of these processes, considering the influence of online platforms, algorithms, and historical power structures. Finally, the study highlights the importance of interdisciplinary strategies aimed at promoting critical reflection on media, gender, and violence in current society.

Keywords: Mainstream pornography; Digital misogyny; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade, o gênero e as relações de poder constituem categorias analíticas fundamentais para a compreensão dos processos de subjetivação e das dinâmicas sociais que atravessam diferentes contextos históricos. Tais dimensões têm sido objeto de intensos debates no campo das ciências humanas e sociais, evidenciando a influência de fatores culturais, políticos e econômicos na produção de normas, identidades e formas de exercício do poder sobre os corpos e os desejos.

No contexto contemporâneo, marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela crescente centralidade das plataformas online na circulação de informações, imagens e discursos, essas questões adquirem novas configurações. A ampla difusão da pornografia mainstream e o fortalecimento de comunidades masculinistas em ambientes virtuais têm suscitado discussões acerca dos modos pelos quais representações de gênero, sexualidade e relações de poder são produzidas, reproduzidas e legitimadas no espaço digital. Nesse cenário, diferentes estudos têm apontado para a recorrência de conteúdos que associam masculinidade à dominação, ao controle e à autoridade, bem como para a frequente representação da feminilidade em posições de subordinação, objetificação e disponibilidade sexual.

A análise desses fenômenos evidencia que a violência de gênero não se restringe às suas manifestações físicas ou explícitas, abrangendo também dimensões simbólicas, discursivas e culturais que contribuem para a naturalização de desigualdades historicamente constituídas. Sob essa perspectiva, as plataformas digitais podem ser compreendidas como espaços de circulação e amplificação de discursos que, em determinadas circunstâncias, reforçam hierarquias de gênero já presentes na estrutura social. Além disso, a lógica algorítmica que orienta a distribuição de conteúdos em ambientes digitais favorece a visibilidade e a disseminação de materiais capazes de gerar elevados índices de engajamento, ampliando o alcance de determinadas representações e discursos.

A compreensão dessas dinâmicas demanda abordagens analíticas que transcendam interpretações exclusivamente morais ou jurídico-normativas, incorporando a investigação dos processos sociais, culturais e psíquicos envolvidos na constituição

das relações de gênero e das formas contemporâneas de subjetivação. Nesse sentido, a articulação entre a Psicanálise, os estudos de gênero e a teoria social oferece um referencial teórico relevante para examinar os modos pelos quais desejo, identificação, poder e normas sociais participam da construção das experiências subjetivas relacionadas à sexualidade e às identidades de gênero.

A partir dessa perspectiva interdisciplinar, torna-se possível investigar de que maneira conteúdos pornográficos e discursos produzidos em comunidades masculinistas online podem contribuir para a reprodução de padrões de objetificação feminina, para a manutenção de desigualdades de gênero e para a legitimação de formas de violência simbólica. Tal análise permite compreender não apenas os mecanismos socioculturais envolvidos na circulação desses discursos, mas também os processos subjetivos que favorecem sua adesão, reprodução e permanência no contexto contemporâneo.

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar as relações entre pornografia mainstream, patriarcado e misoginia digital, buscando compreender de que modo conteúdos pornográficos e comunidades masculinistas online participam da produção e reprodução de representações de gênero associadas à objetificação feminina, à manutenção de assimetrias de poder e à perpetuação de desigualdades historicamente constituídas. Pretende-se, ainda, examinar os fatores históricos, culturais e subjetivos que sustentam essas dinâmicas e contribuem para sua persistência no ambiente digital contemporâneo.

Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica narrativa e na interlocução entre contribuições da Psicanálise, dos estudos feministas e da teoria social contemporânea. A proposta consiste em desenvolver uma análise crítica acerca dos processos de produção, circulação e legitimação de discursos relacionados à sexualidade, ao gênero e ao poder no contexto digital, com especial atenção às formas simbólicas de violência dirigidas às mulheres.



2 PORNOGRAFIA, PATRIARCADO E CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Na era digital, a pornografia deixou de ocupar espaços restritos para assumir posição central na cultura online contemporânea. Além de movimentar bilhões de dólares anualmente, essa indústria participa da produção e circulação de discursos sobre sexualidade, gênero e relações de poder. A magnitude desse mercado pode ser observada por meio de indicadores econômicos e de alcance social. Estima-se que a indústria pornográfica movimente cerca de 15 bilhões de dólares por ano. Apenas em 2018, o site PornHub registrou 33,5 bilhões de acessos, com média de 92 milhões de visitas diárias (BEEBOM, 2018). No Brasil, levantamento realizado pela Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado, a pedido do canal Sexy Hot, apontou que aproximadamente 22 milhões de pessoas consomem pornografia, sendo 76% desse público composto por homens (MURARO, 2020).

A expansão desse mercado ocorreu paralelamente ao desenvolvimento das plataformas digitais e à popularização dos dispositivos móveis. Segundo dados do PornHub, em 2008 apenas 1% dos acessos ao site era realizado por smartphones; em 2017, esse percentual alcançou 75% (PORNHUB INSIGHTS, 2017). A facilidade de acesso, a privacidade e a disponibilidade contínua desses conteúdos contribuíram para a ampliação do consumo e para o contato cada vez mais precoce com materiais pornográficos. Pesquisas recentes indicam que a exposição frequente à pornografia durante a adolescência pode influenciar a construção de expectativas sobre sexualidade, relacionamentos afetivos e papéis de gênero, além de estar associada à reprodução de atitudes sexistas e à normalização de determinados comportamentos sexuais (PATHMENDRA et al., 2023; FEIJÓO; PORTELA; RIAL, 2025).

A compreensão da pornografia como fenômeno social e cultural exige considerar sua inserção nas estruturas patriarcais que organizam historicamente as relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, autoras feministas como Andrea Dworkin e Adrienne Rich oferecem contribuições decisivas para a análise crítica da sexualidade como campo atravessado por relações de poder. A crítica feminista demonstra que as relações entre os sexos não se organizam apenas na esfera privada, mas constituem também formas historicamente produzidas de dominação social. Nessa direção, pode-se compreender

que a sexualidade feminina foi regulada por normas que reforçam assimetrias de poder e legitimam práticas de subordinação.

Essa leitura torna-se ainda mais contundente quando se observa a forma como a pornografia mainstream frequentemente representa os corpos femininos e as relações sexuais. Em muitas de suas produções, a mulher aparece reduzida à condição de objeto de satisfação masculina, enquanto a violência, a submissão e a desigualdade são erotizadas como se fossem componentes naturais do desejo. Nesse sentido, Dworkin (1981) evidencia como, no universo pornográfico, a própria noção de violação é reorganizada simbolicamente, de modo que a violência sexual deixa de ser compreendida como transgressão da vontade feminina e passa a ser reinterpretada como expressão dessa vontade, afirmando que:

> Nesse contexto, o estupro ou a agressão física não podem existir como violações da vontade feminina, porque são percebidos como expressões dessa vontade. É por meio da celebração da força — supostamente a sua própria celebração — que o estupro se torna apenas um sexo de melhor qualidade e a agressão física se transforma em excelente preliminar. DWORKIN (1981, p. 166)

Essa formulação evidencia como determinadas representações pornográficas operam uma ressignificação da violência sexual, convertendo-a em elemento constitutivo do erotismo e naturalizando relações de poder marcadas pela subordinação das mulheres. Assim, a pornografia pode ser entendida não apenas como produto cultural, mas também como tecnologia de reprodução de hierarquias de gênero.

Além disso, a crítica feminista aponta que a sexualidade heteronormativa foi historicamente instituída como padrão obrigatório de organização dos vínculos sociais e afetivos. Rich (1980) analisa esse processo ao propor o conceito de heterossexualidade compulsória, compreendendo-o como um regime político e cultural que limita a autonomia das mulheres e organiza os desejos segundo interesses patriarcais. Sob essa perspectiva, a pornografia mainstream frequentemente reforça uma lógica em que o desejo masculino ocupa posição central, enquanto o feminino aparece subordinado, disponível e funcional à satisfação do outro.

Paralelamente, a indústria pornográfica insere-se em dinâmicas capitalistas que transformam a sexualidade em mercadoria. Embora frequentemente seja apresentada como expressão da liberdade sexual e das fantasias individuais, parte de suas narrativas é estruturada em torno da erotização da violência, da submissão feminina e de relações de poder assimétricas. Em muitos casos, tais conteúdos reproduzem concepções que relativizam o consentimento feminino, difundindo narrativas nas quais a recusa é interpretada como desejo implícito. A repetição dessas representações pode contribuir para a naturalização de crenças e práticas que reforçam desigualdades de gênero, especialmente entre jovens em processo de formação subjetiva e social.

Soma-se a isso o fato de que a produção pornográfica envolve corpos reais e relações concretas de trabalho, o que suscita debates acerca de exploração econômica, vulnerabilidade social e violações de direitos em determinados segmentos da indústria. Observa-se, portanto, que diversas produções pornográficas contemporâneas incorporam a violência contra as mulheres como elemento recorrente de suas narrativas sexuais. Práticas de dominação já presentes na realidade social são frequentemente ressignificadas como componentes eróticos, contribuindo para a banalização da submissão feminina e para a legitimação simbólica de relações desiguais de poder. Esse fenômeno articula-se a outras manifestações contemporâneas da misoginia, especialmente aquelas que emergem e se disseminam nos ambientes digitais.

3 MISOGINIA DIGITAL E COMUNIDADES MASCULINISTAS ONLINE

A misoginia digital constitui uma das manifestações contemporâneas mais expressivas da violência de gênero, ao reproduzir e ampliar desigualdades historicamente estruturadas pelo patriarcado. O ambiente virtual favorece a circulação de discursos hostis às mulheres por meio do anonimato, da rapidez na difusão das informações e das dinâmicas próprias das plataformas digitais, ampliando formas de violência simbólica e psicológica. Nesse contexto, o aumento dos crimes cibernéticos

contra mulheres evidencia a reprodução, em ambiente digital, de estruturas sexistas já presentes nas relações sociais (LIMA; GALVÃO; SITCOVSKY, 2025).

A dimensão desse fenômeno pode ser observada em dados recentes. Entre 2021 e 2022, os registros de discursos de ódio na internet cresceram 67,7%, enquanto as denúncias de misoginia online aumentaram 251% (SAFERNET BRASIL, 2023). Mulheres negras figuram entre os principais alvos dessas agressões, evidenciando a articulação entre sexismo, racismo e desigualdades sociais (AMARAL et al., 2024). Tais indicadores demonstram que a violência digital incide de forma mais intensa sobre grupos historicamente vulnerabilizados.

No interior desse cenário, destacam-se comunidades masculinistas online que organizam, compartilham e reforçam discursos antifeministas. Entre elas, ganham visibilidade os grupos conhecidos como Incels e Redpill. Os Incels - termo derivado de involuntary celibates - constituem comunidades formadas majoritariamente por homens que se autodefinem como incapazes de estabelecer relações afetivo-sexuais e que, com frequência, atribuem essa condição às mulheres e às transformações sociais associadas ao feminismo. Nesses espaços, frustração, ressentimento e sentimento de rejeição são frequentemente convertidos em discursos de hostilidade, culpabilização e desumanização do feminino.

Os grupos Redpill, por sua vez, difundem narrativas segundo as quais os homens precisariam despertar para uma suposta verdade sobre as relações entre os sexos. Inspirado na metáfora da "pílula vermelha", esse universo discursivo sustenta que os homens estariam sendo prejudicados pelas conquistas femininas e pela reconfiguração contemporânea dos papéis de gênero. Em geral, tais conteúdos promovem visões essencialistas sobre masculinidade e feminilidade, defendem hierarquias entre homens e mulheres e se articulam à rejeição das pautas feministas. Conforme demonstra Machado (2024), o discurso red pill integra a chamada machosfera e participa da produção de modelos de masculinidade baseados em controle, superioridade e antagonismo em relação às mulheres.

A chamada manosphere pode ser compreendida como um ecossistema digital mais amplo, no qual diferentes grupos masculinistas compartilham referências, afetos e formas de engajamento. Não se trata de espaços isolados, mas de redes discursivas que

reforçam valores misóginos, naturalizam desigualdades de gênero e produzem sentidos de pertencimento para sujeitos identificados com tais narrativas.

Ging (2017) observa que essas comunidades online se constituem historicamente a partir de uma reconfiguração dos movimentos de masculinidade, que passam por uma cisão entre vertentes pró e antifeministas, culminando na formação de um conjunto heterogêneo de agrupamentos ideologicamente divergentes. Nesse processo, o que se estabiliza na contemporaneidade é um campo fragmentado de discursos sobre masculinidade, reunidos sob uma lógica de rede. uma confederação frouxa de grupos de interesse (GING, 2017, p. 2–3) isto é, uma configuração informal de coletivos que, embora dispersos e heterogêneos, compartilham repertórios simbólicos, afetivos e discursivos comuns.

A relevância desse fenômeno torna-se ainda mais evidente quando se observa sua inserção na economia das plataformas. Estudo recente identificou ao menos 137 canais no YouTube dedicados à propagação de conteúdos misóginos, responsáveis por aproximadamente 3,9 bilhões de visualizações, dos quais cerca de 80% eram monetizados (SANTINI et al., 2024). Isso sugere que a misoginia digital não se restringe às interações sociais espontâneas, articulando-se também aos modelos econômicos das plataformas, cujos mecanismos algorítmicos tendem a favorecer conteúdos capazes de gerar maior engajamento, polarização e permanência do público.

Entretanto, a compreensão da misoginia digital não pode restringir-se às dimensões jurídicas, políticas ou sociológicas. A complexidade do fenômeno exige examinar também os processos subjetivos envolvidos na adesão a esses discursos. A hostilidade dirigida às mulheres pode funcionar, em certos casos, como forma precária de elaboração de frustrações narcísicas, sentimentos de impotência e demandas de reconhecimento. Por essa razão, a interlocução com a Psicanálise oferece elementos relevantes para compreender como desejo, ressentimento, identificação e poder se articulam na constituição de subjetividades marcadas pela violência simbólica contra o feminino.

4 PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: DESEJO, PULSÃO E RELAÇÕES DE PODER

A sexualidade constitui uma dimensão historicamente atravessada por normas sociais, mecanismos de regulação dos corpos e relações de poder. Na antiguidade greco-romana, as práticas eróticas organizavam-se segundo a oposição entre atividade e passividade, associando o exercício legítimo do prazer ao autocontrole e à manutenção da ordem moral. Nessa configuração, homens livres e adultos ocupavam a posição vinculada ao domínio, enquanto mulheres, jovens e escravizados eram relacionados à passividade. Essa interpretação é desenvolvida por Foucault (2005), ao demonstrar que o governo dos desejos articulava-se à preservação das hierarquias sociais.

Na contemporaneidade, marcada pela expansão das plataformas digitais e pela ampla circulação da pornografia mainstream, observam-se permanências dessas formas históricas de organização simbólica da sexualidade. Representações centradas na atividade masculina e na passividade feminina permanecem recorrentes em conteúdos pornográficos e em diferentes discursos sobre gênero e desejo.

Sob a perspectiva psicanalítica, a sexualidade constitui um dos principais modos de satisfação pulsional. A pulsão busca reduzir tensões psíquicas por meio de diferentes objetos e formas de investimento libidinal, não se restringindo à genitalidade ou à reprodução. A sexualidade humana caracteriza-se, portanto, pela multiplicidade de seus destinos e pela plasticidade de suas modalidades de satisfação (FREUD, 1905/2016).

> O narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, que se nos apresenta como justificável em certa medida" (FREUD, 1914/2010, p. 98)

Nesse contexto, o olhar ocupa posição relevante na constituição da experiência subjetiva. A pulsão escópica articula-se à dinâmica entre ver e ser visto, integrando fantasias e investimentos libidinais que participam da organização do desejo. Nessa direção, a percepção de si pode ser compreendida como etapa preliminar do narcisismo, relacionada à alternância entre atividade e passividade na constituição psíquica (BICHARA, 2006).

Também se observa que os chamados traços perversos integram a própria constituição da sexualidade, tornando-se clinicamente relevantes apenas quando ocorre fixação exclusiva em determinadas formas de satisfação (FREUD, 1905/2016). O narcisismo, por sua vez, corresponde ao investimento libidinal dirigido ao próprio sujeito, podendo desempenhar função estruturante na constituição psíquica ou assumir configurações que restringem o investimento em objetos externos (FREUD, 1914/2010).

As contribuições contemporâneas dos estudos de gênero e da teoria psicanalítica permitem problematizar concepções normativas da sexualidade historicamente associadas à centralidade da reprodução e da heterossexualidade. Os discursos sobre a sexualidade podem ser compreendidos como parte de dispositivos de poder que produzem regimes de verdade e critérios de normalidade (FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, Foucault explicita que tais regimes não apenas regulam comportamentos, mas constituem o próprio campo no qual a sexualidade pode ser pensada e experienciada:

> O que está em jogo não é apenas o comportamento dos indivíduos, mas a forma como eles são levados a se reconhecer como sujeitos de desejo (FOUCAULT, 2005, p. 73).

Nessa mesma direção, Butler (2016) acrescenta que sexo, gênero e desejo são organizados por uma matriz normativa que pressupõe coerência entre corpo, identidade e orientação sexual, enquanto Rich (1980) analisa a heterossexualidade compulsória como instituição social e política vinculada à manutenção das relações de poder de gênero.

As contribuições contemporâneas dos estudos de gênero e da teoria psicanalítica permitem problematizar concepções normativas da sexualidade historicamente associadas à centralidade da reprodução e da heterossexualidade. Os discursos sobre a sexualidade podem ser compreendidos como parte de dispositivos de poder que produzem regimes de verdade e critérios de normalidade (FOUCAULT, 2005). Nessa mesma direção, Butler (2016) acrescenta que sexo, gênero e desejo são organizados por uma matriz normativa que pressupõe coerência entre corpo, identidade e orientação sexual, enquanto Rich (1980) analisa a heterossexualidade compulsória como instituição social e política vinculada à manutenção das relações de poder de gênero.

Essas formulações oferecem instrumentos teóricos para compreender fenômenos

contemporâneos como a pornografia mainstream e a misoginia digital. Mais do que expressões isoladas, tais fenômenos podem ser analisados como práticas inseridas em contextos históricos e culturais que participam da produção de representações sobre gênero, sexualidade e poder. A articulação entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social permite, assim, examinar os processos subjetivos e socioculturais envolvidos na reprodução de desigualdades e formas de violência simbólica na contemporaneidade digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo deste estudo indicam que a pornografia mainstream e a misoginia digital podem ser compreendidas como fenômenos inseridos em contextos históricos, sociais e culturais que estruturam as relações de gênero. Nessa perspectiva, o ambiente digital não constitui a origem da violência de gênero, mas um espaço no qual determinadas práticas, discursos e representações adquirem novas formas de circulação, visibilidade e alcance, mediadas pelas plataformas digitais, pelos sistemas algorítmicos e pelas dinâmicas econômicas associadas ao engajamento.

A análise da pornografia contemporânea evidenciou a recorrência de representações marcadas pela objetificação feminina, pela erotização da submissão e pela assimetria nas relações de gênero. De forma complementar, a literatura examinada aponta que comunidades masculinistas digitais têm atuado na difusão de discursos antifeministas e misóginos, favorecendo processos de identificação coletiva e a circulação de concepções específicas sobre masculinidade e relações de gênero. Nesse contexto, pornografia mainstream e misoginia digital podem ser analisadas como fenômenos relacionados, inseridos em dinâmicas mais amplas de produção e reprodução de desigualdades de gênero.

A articulação entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social permitiu examinar esses fenômenos para além de suas manifestações observáveis, considerando também processos subjetivos relacionados às identificações, às formas de investimento libidinal e às relações de poder. As contribuições teóricas mobilizadas ao

longo do estudo indicam que sexualidade, gênero e desejo constituem experiências historicamente produzidas e atravessadas por dispositivos sociais, culturais e políticos. Sob essa perspectiva, a violência simbólica presente nos ambientes digitais pode ser compreendida em sua relação com processos socioculturais e subjetivos que participam da produção e manutenção de hierarquias de gênero.

Os resultados desta revisão sugerem a relevância de abordagens interdisciplinares para a análise da misoginia digital e das representações da sexualidade presentes na pornografia contemporânea. A complexidade desses fenômenos demanda investigações que articulem dimensões sociais, culturais, políticas e psíquicas, ampliando a compreensão dos mecanismos envolvidos na produção, circulação e legitimação de discursos e práticas relacionados às desigualdades de gênero.

Por fim, a análise desenvolvida permite compreender a pornografia mainstream e a misoginia digital como objetos relevantes para o estudo das relações entre sexualidade, subjetividade e poder na contemporaneidade. Nesse sentido, o diálogo entre Psicanálise, estudos de gênero e teoria social apresenta potencial para o aprofundamento das investigações sobre os processos históricos e subjetivos envolvidos na produção de discursos, representações e práticas relacionadas às desigualdades de gênero nos ambientes digitais.

[1] Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Email: pamelaaguiar232@gmail.com . ORCID: https://orcid.org/0009-0005-5210-7672

[2] Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Email: caio.fillipi2906@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0006-5566-7824

[3] Professora Orientadora, Docente do curso de bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Limoeiro (FACAL). Psicóloga CRP 02/19574, Especialista em Psicanálise, Especialista em ciências socias aplicadas, Psicanalista - ASP. Email: ribeiroandreaalr@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0005-5439-4863

REFERÊNCIAS

AMARAL, Inês et al. Misoginia, racismo e ódio online: jovens mulheres, resistência e reação. Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Letras, 2024.

BEEBOM. PornHub Served Over 4,403 Petabytes of Porn in 2018. 2018. Disponível em: https://beebom.com/pornhub-report-2018/.

BICHARA, Tânia. A pulsão escópica e o olhar na constituição narcísica. 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DWORKIN, Andrea. Pornography: men possessing women. New York: Perigee Books, 1981.

FEIJÓO, Sandra; PORTELA, Vanessa; RIAL, Antonio. Online pornography consumption, risky behaviors, and sexist attitudes in adolescence: a cross-sectional survey study. Archives of Sexual Behavior, v. 54, p. 3223-3233, 2025.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. Men and Masculinities, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019.

LIMA, Hélida Katharina de Sousa; GALVÃO, José Victor Tavares; SITCOVSKY, Rafaella Guimarães. Misoginia x crimes cibernéticos contra mulheres: breve reflexão jurídica e

sociológica. Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília, Brasília, v. 22, n. 1, p. 410-429, 2025.

MACHADO, Taísa. Calvo do Campari: o discurso red pill da machosfera na produção da masculinidade do macho. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MURARO, C. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. G1, [S. l.], 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml.

PATHMENDRA, P. et al. Exposure to pornography and adolescent sexual behavior: systematic review. Journal of Medical Internet Research, v. 25, 2023.

PORNHUB INSIGHTS. 2017 Year in Review. 2017. Disponível em: https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. Signs, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SAFERNET BRASIL. Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil na internet têm crescimento em 2022. 2023. Disponível em: https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-crimes-de-discurso-de-odio-e-de-imagens-de-abuso-sexual-infantil-na-internet.

SANTINI, R. Marie et al. "Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab - Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

ASP | ASSOCIAÇÃO SABER PSICANALÍTICO